



ABP
Associação
Brasileira de
Psiquiatria

Ano 6 • n°6 • Nov/Dez 2016
ISSN 2236-918X

REVISTA

DEBATES EM

psiquiatria

Publicação destinada exclusivamente aos médicos

www.abp.org.br



Mala Direta

9012341582/2014-0/RJ
ABP



**HISTÓRIA DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA**

**CONTINUIDADE E RUPTURA: A ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA NO SÉCULO XXI**

CINQUENTA ANOS DA COCIEN

**CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA REVISTA
BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (RBP)**

**PRESENTE E FUTURO DA REVISTA
BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (RBP)**

A REVISTA DEBATES EM PSIQUIATRIA NOS 50 ANOS DA ABP

AVANÇOS CIENTÍFICOS EM PSIQUIATRIA



VOCÊ JÁ CONHECE O PEC-ABP?

O **Programa de Educação Continuada da ABP (PEC-ABP)** é um sistema de e-learning oferecido pela ABP através do formato audiovisual exclusivamente para associados.

Ele é transmitido via internet disponível 24 horas por dia com novas aulas **quinzenais**.

Acesse agora e tenha um mundo de conhecimento em um clique.

WWW.PEC-ABP.ORG.BR

APRESENTAÇÃO



ANTÔNIO GERALDO DA SILVA
EDITOR SÊNIOR



JOÃO ROMILDO BUENO
EDITOR SÊNIOR

É com imensa satisfação que apresentamos aqui uma edição especial comemorativa aos 50 anos da ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria. Neste número, todos os artigos celebram o meio século de história desta prestigiada instituição e seus principais órgãos, revisando conquistas e antecipando desafios.

Walmor J. Piccinini revisa a história dos estatutos da ABP, desde sua fundação, passando por várias reformas, até chegar à versão atual. Na mesma linha, Fernando Portela Câmara nos fala sobre o papel da ABP no século XXI, destacando, de um lado, áreas de continuidade e tradição, e de outro, pontos importantes de ruptura e inovação.

Itiro Shirakawa e João Romildo Bueno discorrem sobre as contribuições da Comissão Científica (COCIEN) da ABP, que, ao longo dos 50 anos da instituição, vem respondendo pela programação científica de todos os Congressos Brasileiros de Psiquiatria – CBP. A evolução e crescente qualidade da programação deste evento é comentada pelos autores.

Dois artigos se dedicam à revista científica oficial da ABP, a Revista Brasileira de Psiquiatria – RBP. Helena M. Calil conta a história da criação e consolidação da revista, criada no mesmo ano em que a ABP, há 50 anos. A autora apresenta as mudanças de nome pelas quais a publicação passou, porém sempre como órgão oficial da ABP. Em seguida, os atuais editores-chefes da RBP, Flavio Kapczinski e Antonio E. Nardi, também revisam a trajetória da publicação. Este ano, 2016, em que a ABP celebra seus 50 anos, a RBP também comemora um marco histórico: atingiu o maior fator de impacto de sua história, 2,138. Esse fator de impacto coloca o periódico como o melhor do país em qualquer área das ciências. Os editores salientam a consolidação da RBP no cenário internacional das publicações da área de psiquiatria e discorrem sobre suas ações, contribuições e conquistas mais significativas.

A evolução desta nossa querida RDP – Revista Debates em Psiquiatria é também celebrada pelos seus editores seniores, João Romildo Bueno e Antônio Geraldo da Silva, que descrevem sua evolução a partir da antiga revista DEBATES, de caráter mais informal, para depois adotar o formato atual. A Revista Debates em Psiquiatria tem hoje como missão abordar assuntos relevantes para a prática clínico-psiquiátrica diária através de artigos de diferentes tipos, escritos em português, com características que a distinguem das demais revistas científicas no campo da psiquiatria.

Para terminar a edição, Rodrigo Machado-Vieira et al. trazem um artigo que descreve o panorama atual de avanços científicos em psiquiatria. Segundo os autores, tais avanços têm gerado uma melhora nos parâmetros de saúde pública nos transtornos mentais. Abordagens translacionais e novas técnicas (geração “ômica”) são os grandes destaques. As contribuições do novo DSM e RDoC para o planejamento de tratamentos personalizados, associados a melhor evolução e prognóstico, também são comentadas.

Preparar esta edição foi um grande prazer. Agradecemos a todos pelo apoio ao longo da história da ABP, RBP e RDP, e esperamos que todos apreciem esta homenagem.

Antônio Geraldo da Silva e João Romildo Bueno
Editores Seniores, Revista Debates em Psiquiatria



DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Antônio Geraldo da Silva - DF
Vice-Presidente: Itiro Shirakawa - SP
1º Secretário: Claudio Meneghello Martins - RS
2º Secretário: Mauricio Leão - MG
1º Tesoureiro: João Romildo Bueno - RJ
2º Tesoureiro: Alfredo Minervino - PB

DIRETORES REGIONAIS

Diretor Regional Norte: Aparício Carvalho de Moraes - RO
Diretor Regional Adjunto Norte: Maria da Graça Guimarães Souto - MA
Diretor Regional Nordeste: Fábio Gomes de Matos e Souza - CE
Diretor Regional Adjunto Nordeste: Miriam Elza Gorender - BA
Diretor Regional Centro-Oeste: Juberty Antônio de Souza - MS
Diretor Regional Adjunto Centro-Oeste: Renée Elizabeth de Figueiredo Freire - MT
Diretor Regional Sudeste: Marcos Alexandre Gebara Muraro - RJ
Diretor Regional Sul: Ronaldo Ramos Laranjeira - SP

CONSELHO FISCAL

Titulares:
Francisco Baptista Assumpção Júnior - SP
Florence Kerr-Corrêa - SP
Sérgio Tamai - SP

Suplentes:
José Toufic Thomé - SP
Fernando Grilo Gomes - SP

ABP - Rio de Janeiro
Rua Buenos Aires, 48 - 3º Andar - Centro
CEP: 20070-022 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: (21) 2199.7500
Rio de Janeiro - RJ
E-mail: abpsp@abpbrasil.org.br
Publicidade: comercial@abpbrasil.org.br

EXPEDIENTE

EDITORES SENIORES

Antônio Geraldo da Silva - DF
João Romildo Bueno - RJ

EDITORES-CHEFES

Marcelo Feijó de Mello - SP
Breno Satler Diniz - TX, USA
José Carlos Appolinário - RJ
Valeria Barreto Novais - CE

EDITORES ASSOCIADOS

Alexandre Paim Diaz - SC
Antonio Peregrino - PE
Carmita Helena Najjar Abdo - SP
Érico de Castro e Costa - MG
Itiro Shirakawa - SP
Marcelo Liborio Schwarzbald - SC

EDITORES JUNIORES

Alexandre Balestieri Balan - SC
Antonio Leandro Nascimento - RJ
Camila Tanabe Matsuzaka - SP
Emerson Arcoverde Nunes - RN
Izabela Guimarães Barbosa - MG
Larissa Junkes - RJ

CONSELHO EDITORIAL

Almir Ribeiro Tavares Júnior - MG
Ana Gabriela Hounie - SP
Analice de Paula Gigliotti - RJ
Carlos Alberto Sampaio Martins de Barros - RS
Cássio Machado de Campos Bottino - SP
César de Moraes - SP
Elias Abdalla Filho - DF
Eugenio Horácio Grevet - RS
Fausto Amarante - ES
Flávio Roithmann - RS
Francisco Baptista Assumpção Junior - SP
Helena Maria Calil - SP
Humberto Corrêa da Silva Filho - MG
Irismar Reis de Oliveira - BA
Jair Segal - RS
João Luciano de Quevedo - SC
José Cássio do Nascimento Pitta - SP
Marco Antonio Marcolin - SP
Marco Aurélio Romano Silva - MG
Marcos Alexandre Gebara Muraro - RJ
Maria Alice de Vilhena Toledo - DF
Maria Dilma Alves Teodoro - DF
Maria Tavares Cavalcanti - RJ
Mário Francisco Pereira Juruena - SP
Paulo Belmonte de Abreu - RS
Paulo Cesar Geraldês - RJ
Ricardo Barcelos - MG
Sergio Tamai - SP
Valentim Gentil Filho - SP
Valéria Barreto Novais e Souza - CE
William Azevedo Dunningham - BA

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Antonio Pacheco Palha (Portugal), Marcos Teixeira (Portugal), José Manuel Jara (Portugal), Pedro Varandas (Portugal), Pio de Abreu (Portugal), Maria Luiza Figueira (Portugal), Julio Bobes Garcia (Espanha), Jerónimo Sáiz Ruiz (Espanha), Celso Arango López (Espanha), Manuel Martins (Espanha), Giorgio Racagni (Italia), Dinesh Bhugra (Londres), Edgard Belfort (Venezuela)

Jornalista Responsável: Brenda Ali Leal
Revisão de Textos e Editoração Eletrônica: Scientific Linguagem
Projeto Gráfico e Ilustração: Daniel Adler e Renato Oliveira
Produção Editorial: Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP
Gerente Geral: Simone Paes
Impressão: Gráfica Editora Pallotti

SUMÁRIO

//////////////////// SUMÁRIO

NOV/DEZ 2016

6/especial

História dos estatutos da Associação
Brasileira de Psiquiatria
WALMOR J. PICCININI

12/especial

Continuidade e ruptura: a Associação
Brasileira de Psiquiatria no século XXI
FERNANDO PORTELA CÂMARA

16/especial

Cinquenta anos da COCIEN
ITIRO SHIRAKAWA, JOÃO ROMILDO BUENO

18/especial

Criação e consolidação da Revista
Brasileira de Psiquiatria (RBP)
HELENA M. CALIL

23/especial

Presente e futuro da Revista
Brasileira de Psiquiatria (RBP)
FLAVIO KAPCZINSKI, ANTONIO E. NARDI

26/especial

A Revista Debates em Psiquiatria nos 50 anos da ABP
JOÃO ROMILDO BUENO, ANTÔNIO
GERALDO DA SILVA

28/especial

Avanços científicos em psiquiatria
RODRIGO MACHADO-VIEIRA, JOÃO
QUEVEDO, JAIR C. SOARES

* As opiniões dos autores são de exclusiva
responsabilidade dos mesmos.

HISTÓRIA DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA

HISTORY OF THE STATUTES OF THE BRAZILIAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION

Um país é regido pela Constituição. Uma agremiação é regida por seus estatutos. O seguimento de regras aprovadas pela maioria em assembleia define os rumos futuros. Com a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), não foi diferente. Na assembleia de fundação, foram aprovados seus estatutos, que sofreram aperfeiçoamentos na primeira assembleia geral extraordinária, realizada no ano seguinte. Finalmente, por questão legal, ocorreu um processo de adaptação aos estatutos da Associação Médica Brasileira (AMB), da qual faz parte.

A ABP foi fundada no dia 13 de agosto de 1966, nas dependências do Hospital Pinel do Rio de Janeiro. Antes disso, em 1963, no III Congresso Mundial realizado no Canadá, foi fundada a Associação Mundial de Psiquiatria (AMP).

A fundação da ABP foi estimulada pela AMB e conseguiu apoio dos grandes professores de psiquiatria da época: os catedráticos José Leme Lopes, José Lucena, Antonio Carlos Pacheco e Silva, Álvaro Rubim de Pinho; e também outros que não eram catedráticos, como Ulysses Vianna Filho, Manoel Antonio Albuquerque, Fernando Megre Velos e Clóvis Martins. Um momento histórico, em que o poder saía dos grandes hospitais e seus centros de estudos, passando para a universidade. O professor João Romildo Bueno destaca, também, a mudança da psiquiatria médico-legal para a psicopatologia. O fato é que eram raros os cursos de formação em psiquiatria; a maioria dos psiquiatras era autodidata. Veremos a formação psiquiátrica em outro momento.

Desde as primeiras inscrições nas cavernas pré-históricas, constatamos que o que está registrado é o que permanece. Muitas versões existem sobre a fundação da ABP, e elas são recentes, de 1966. Muitos

personagens ainda estão ativos em nosso meio e poderão complementar essas informações com depoimentos pessoais.

Vamos resumir os passos iniciais para a formação da ABP.

O Jornal da AMB (JAMB), ano VII, de 4 de outubro de 1965, traz o texto de um protocolo que fixava as diretrizes gerais e as providências iniciais no sentido de constituição definitiva da ABP.

O documento estava assinado pelo Dr. José Luiz Flores Soares (RS), presidente da AMB; José Leme Lopes, presidente do Centro de Estudos do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil; Jurandyr Manfredini, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais; Manoel Antonio Albuquerque, presidente do Setor de Psiquiatria da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul; e Fernando Megre Velloso, presidente do Departamento de Psiquiatria da AMB.

O nome da entidade a ser formada seria Associação Brasileira de Psiquiatria. Era proposta coleta de assinaturas dos psiquiatras do país.

Em 2 de abril de 1966, foi escolhida uma comissão provisória para elaborar o anteprojeto dos estatutos, composta por João Caruso Madalena, Carlos Alberto Bastos, Jorge Paprocki e Clóvis Martins.

As atividades de bastidores foram intensas, mas tudo ficou acertado para a assembleia de fundação, que aconteceu no dia 13 de agosto de 1966 numa sala do Instituto Pinel do Rio de Janeiro. A Assembleia foi dividida em duas partes, pela manhã e à tarde, para permitir a presença de alguns membros destacados, que só poderiam comparecer à tarde. Foi presidida por Raul Bittencourt, vice-presidente e futuro presidente

Título de Especialista em Psiquiatria pela ABP. Professor da Fundação Universitária Mário Martins, Porto Alegre, RS. Editor da Psychiatry Online Brasil. Ator do Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria.

da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro (APERJ), e secretariada pelo Dr. Clóvis Martins (SP).

Toda essa introdução é necessária para ilustrar a importante participação do Dr. Ulysses Vianna Filho na assembleia de fundação da ABP. Foi dele o substitutivo que propunha que, em vez de sócios individuais, fosse constituída uma associação federativa das outras associações então existentes ou por fundar. Uma votação preliminar deu grande maioria a esse princípio federativo, que foi aprovado na parte da tarde da assembleia. Estava assim estabelecido o princípio nunca contestado de federação.

A ata de fundação da ABP foi por mim publicada¹.

Aos 13 dias do mês de agosto de 1966, na sala de reuniões do Hospital Pinel, sito à Av. Wenceslau Braz, 71, fundos, na Guanabara, atendendo à convocação da secretaria geral provisória, constituída por resolução, aprovada em 2 de abril, realizada sob os auspícios da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro, no mesmo local, operaram-se os trabalhos, desenvolvidos em três reuniões, destinados a:

- Discussão e votação dos estatutos;
- Fundação da Associação Brasileira de Psiquiatria;
- Eleição de sua primeira diretoria.

Transcrita a ata, podemos acrescentar que, a seguir, foi eleito o primeiro presidente da ABP, Prof. José Leme Lopes; o secretário geral, Dr. Ulisses Vianna Filho; e como tesoureiro, Dr. Humberto de Andrade.

Foi criado um Conselho Executivo Nacional integrado por: Antonio Carlos Pacheco e Silva (SP); Álvaro Rubim de Pinho (BA); José Leme Lopes (RJ); José Lucena (PE); Darcy de Mendonça Uchoa (SP); Jurandyr Manfredini (RJ); Fernando Megre Velloso (MG); e Manoel Antonio Albuquerque (RS).

Como compensação para São Paulo, o Dr. Clóvis Martins foi eleito editor da Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) para um período de 8 anos. Nasceu daí o compromisso de manter a sede da RBP em São Paulo.

Nos primeiros 3 anos, o mandato presidencial era de 1 ano. Foram presidentes: José Leme Lopes, Antonio Carlos Pacheco e Silva e Álvaro Rubin de Pinho. Os recursos eram escassos, predominava o amadorismo, e a entidade só sobrevivia por utilizar uma sala do Sanatório Botafogo, que se responsabilizava pelas despesas essenciais.

A história não acaba aqui. Seguiu-se, no ano seguinte, a primeira assembleia extraordinária da ABP, com o objetivo de complementar os estatutos. Farei, primeiramente, a transcrição da ata e, depois, alguns comentários:

ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria

Primeira Assembleia Extraordinária dos Delegados da ABP

Primeira reunião

Às 15h30min do dia 21 de março de 1967, tiveram início, no anfiteatro do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, os trabalhos da 1ª Assembleia Extraordinária dos Delegados da ABP. Inicialmente, o Prof. Dr. Fernando de Oliveira Bastos, regente da cadeira de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, como anfitrião, agradeceu a presença dos delegados e a escolha do local, pedindo, a seguir, ao Prof. Dr. José Leme Lopes, presidente da ABP, que ocupasse a presidência da mesa. O Prof. Leme Lopes declarou aberta a 1ª Assembleia Extraordinária dos Delegados da ABP, dizendo que a Associação começaria, nesta sessão, a sua fase ativa. Deu, em seguida, a palavra ao Dr. Ulysses Vianna Filho, secretário geral, que passou a ler os itens da pauta (ver os itens que constam da circular). Declarou ser o primeiro item em pauta a aprovação definitiva dos estatutos, sem o que a Associação não conseguiria o seu registro oficial. Para esclarecimento dos delegados, procedeu à leitura da ata da sessão de fundação, na qual se consignara que vários dos artigos dos estatutos ainda não haviam sido aprovados. O Prof. Clóvis Martins sugeriu a conveniência de se considerar apenas a essência de tais artigos. O Prof. Leme Lopes discordou, dizendo que, em matéria de estatutos, era necessário examinar detidamente artigo por artigo. Antes de ser iniciado o exame em questão, o secretário geral leu as credenciais de vários delegados presentes e algumas cartas e telegramas de sociedades que, por motivo de força maior, não puderam se fazer representar. Além dos já citados, achavam-se presentes os professores J. Alves Garcia (RJ), Darcy de Mendonça Uchoa (SP), Álvaro Rubim de Pinho (BA), Ernani Simas Alves (PR) e muitos outros, perfazendo cerca de 30 delegados. A seguir, o presidente pediu que fossem lidos um por um os artigos ainda não aprovados nos estatutos. Lido o artigo 4º e submetido à aprovação, foi decidida sua conservação, com os necessários aprimoramentos de redação, inclusive a substituição da expressão

“associações filiadas” por “associações federadas”, sugerida pelo Dr. Oswald Moraes de Andrade (Rio de Janeiro). Lido o artigo 7º e submetido à aprovação, foi decidida a sua pura e simples supressão. O Prof. Clóvis Martins sugeriu também a supressão dos artigos 8º e 9º, por lhe parecer que o assunto cabia melhor no regimento. Posto o caso em votação, o plenário parecia optar pelo *caput* do artigo 8º, com a conservação de parágrafo único. O Dr. Ernani Simas Alves (PR) declarou, porém, que o parágrafo em questão era muito confuso, com o que concordou a presidência. Foi finalmente decidida a supressão do artigo 8º. Quanto ao artigo 9º, foi julgada necessária sua conservação. Lido o artigo 10º, foi decidida a eliminação do item (a). Lido o artigo 11º, teceram-se reverentes comentários em torno da histórica Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, da qual a ABP se ufanaria de ser a continuadora, mas esse propósito foi abandonado esclarecendo-se que a referida Sociedade, embora figurando como primeira federada da ABP, deseja subsistir com vida própria. Por proposta do Prof. Rubim de Pinho, o item (a) desse artigo ficará assim redigido: “Os sócios da antiga Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e das demais associações federadas”. No item (b) do mesmo artigo, a expressão “comissão de admissão” foi substituída por “comissão de credenciamento”. Com as referidas modificações, o artigo foi aprovado. Os artigos 12, 13 e 14 foram aprovados sem modificação. O secretário geral pediu a palavra a fim de informar que o artigo 21, embora aprovado, era presentemente inexecutável, dadas as dificuldades encontradas para conseguir publicação na imprensa oficial. O plenário acolheu as ponderações da secretaria, ficando o artigo 21 assim aprovado: “A convocação da Assembleia Ordinária dos Delegados é feita com a antecedência de 30 dias, por carta registrada e telegrama aos presidentes das entidades federadas”. O artigo 37 foi aprovado com as seguintes alterações: no item (g), “admitir os sócios efetivos, de acordo com o parecer da comissão de credenciamento”; o conselho deliberativo passou a 18 membros; a comissão cultural e de ensino foi denominada comissão de educação, e foi criada uma nova, a comissão científica. As considerações passaram, portanto, a ser em número de seis. O artigo 38 foi aprovado com a eliminação do item (a). Referindo-se ao artigo 42, o Prof. Clóvis Martins propôs o título de Revista Brasileira de Psiquiatria, que foi aprovado. Terminado o exame dos estatutos,

o Prof. Leme Lopes recomendou que a secretaria geral providenciasse as necessárias emendas e o “asseamento” da redação dos estatutos, enviando, em seguida, cópias mimeografadas aos presidentes de todas as entidades federadas, a fim de que os mesmos se manifestassem a respeito dentro de um prazo determinado.

Segunda reunião

Às 15h30min do dia 22 de março de 1967, teve início, no anfiteatro do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a segunda reunião da 1ª Assembleia Extraordinária dos Delegados da ABP. Na presidência, o Prof. Leme Lopes propôs a seguinte ordem do dia: (1) Nomeação da comissão de redação dos estatutos; (2) Preenchimento dos cargos previstos nos estatutos aprovados no dia anterior; (3) Discussão de medidas financeiras para a manutenção da ABP; (4) Regimento; (5) Programa de atividades para 1967.

A comissão de redação dos estatutos ficou assim constituída: Prof. J. Alves Garcia, Prof. Raul Bittencourt, Dr. José Caruso Madalena e Dr. Ulysses Vianna Filho.

O Prof. Leme Lopes sugeriu que se mandassem mimeografar os estatutos e enviá-los aos delegados, que deveriam pronunciar-se dentro de 30 dias, esgotados os quais, o não pronunciamento seria considerado resposta positiva.

Ficou assentado que haveria uma anuidade com direito à revista e outra sem direito à revista.

A diferença seria destinada a auxiliar o financiamento daquela publicação. Isso ficou decidido depois que o Prof. Clóvis Martins explicou serem diminutas as possibilidades de se conseguir auxílio financeiro, para a revista da ABP, dos laboratórios, que preferiam patrocinar as publicações de grande tiragem ao invés de auxiliar revistas especializadas. O Prof. Clóvis Martins propôs que os primeiros números da revista da ABP sejam apenas mimeografados, a fim de não se protelar sua impressão por falta de financiamento. Ficou todavia estabelecido que, em 1967, o teto para as anuidades dos sócios da ABP não ultrapassaria 50 cruzeiros novos.

A seguir, passou-se a considerar o regimento, quarto item em pauta. O Prof. Leme Lopes propôs que uma comissão se incumbisse da revisão do regimento, com o que todos concordaram. Esta ficou constituída pelo Dr. Ulysses Vianna Filho (RJ), Dr. Jorge Paprocki (MG) e Prof. Clóvis Martins (SP).

Título de Especialista em Psiquiatria pela ABP. Professor da Fundação Universitária Mário Martins, Porto Alegre, RS. Editor da Psychiatry Online Brasil. Ator do Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria.

Foi abordada, a seguir, a questão da regulamentação da profissão de psiquiatra e dos requisitos mínimos para a concessão do título de especialista. Ficou assentado que tais requisitos seriam objeto de estudo na próxima reunião da ABP. Ventilou-se também a questão do exercício da psicoterapia de grupo e da psicoterapia individual, que, no parecer do plenário, deveria permanecer dentro de exclusiva alçada médica. Quanto às próximas reuniões programadas para o ano de 1967, o Prof. Leme Lopes informou que a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste realizará este ano o seu congresso em Porto Alegre. O presidente, Dr. Paulo Luiz Vianna Guedes, deu autorização para que um dos temas seja confiado à ABP. Por essa razão, propôs à comissão científica que escolhesse o tema e indicasse o relator oficial. O Prof. Leme Lopes propôs, também, a realização de um simpósio no Rio de Janeiro, em fins de julho próximo.

ALGUNS REGISTROS

Nessa primeira ata, é possível perceber alguns aspectos da vida inicial da ABP. Em primeiro lugar, foi uma associação que começou sem recursos e dependendo do suporte de alguns psiquiatras. No Rio de Janeiro, a ABP dependia da generosidade de Ulysses Vianna Filho (que emprestou uma sala do Sanatório Botafogo, do qual era um dos donos, para a ABP) e de Oswald Moraes de Andrade (que pagava do próprio bolso as despesas de correspondência e concedeu seu funcionário Vanor Ferreira para auxiliar na administração). Isso explica, também, por que a sede se encontra no Rio de Janeiro. A ABP chegou a ter uma sala em Brasília, mas nunca se transferiu para lá; ficou valendo a tradição, a regra não escrita.

Em São Paulo, Clóvis Martins arcou com as despesas para editar a RBP e, como não foi pago, irritou-se e registrou a mesma em seu nome. Felizmente, os anos passaram, os ânimos se acalmaram, e o nome da revista voltou para a ABP.

Desde o início, criaram-se algumas regras não escritas que, tal como a constituição inglesa, têm perdurado através dos anos. A primeira delas é a do voto indireto, via federadas. O objetivo dessa regra – como eu disse, não escrita – era de preservar a representatividade dos estados com menor número de psiquiatras na eleição para presidente. A segunda regra foi a da alternância da presidência entre os estados do Sul e do Sudeste com os estados do Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Isso tem

razões históricas, ligadas à integração da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste nas articulações para fundar a ABP. Outra regra não escrita e que vigora desde a fundação é a de que a RBP teria sede em São Paulo.

O Brasil vivia tempos difíceis, com debates acalorados e inquietações que se refletiam nas assembleias da ABP. As pressões para reformas eram intensas, e a primeira aconteceu em 1969, por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental, realizado no Rio de Janeiro. Em “História dos estatutos da ABP”², artigo publicado em 1977, Valter M. Daudt e Ulysses Viana Filho esclarecem:

A reforma de 1969

Em 1969, reformaram-se os estatutos pela primeira vez, em Assembleia de Delegados, por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental, em 6 de julho, no Rio de Janeiro.

A ABP adquire uma estrutura mais nacional. Aumenta-se para 12 o número de membros do conselho executivo, que conserva seu poder, e é desfeito o conselho deliberativo, mantendo-se as comissões (embora referências esparsas ao órgão extinto continuem existindo até mesmo nos estatutos de 1973). Cria-se uma diretoria executiva, com mais poderes e autonomia, com presidente, vice, secretário geral, tesoureiro geral, secretários e tesoureiro auxiliar, além do diretor da revista. De acordo com essa mudança, o presidente e o vice-presidente da ABP não seriam mais apenas do conselho executivo. Seus mandatos seriam de 2 anos, para estabelecer uma continuidade.

Redigido o regimento interno, estabelecem-se rotinas de funcionamento, determina-se a maneira de votação nas assembleias, proporcionalmente ao número de membros de cada federada, com um máximo de votos para cada estado.

Esses estatutos foram registrados em Brasília em 25/06/74 e publicados no Diário Oficial em 28/06/74.

Visto de maneira simples, ocorreu a perda de poder dos catedráticos, e a ABP passou a ter mais independência.

A reforma de 1973

As modificações aprovadas consistiram no seguinte:

- O Conselho Executivo passou a contar também com os ex-presidentes até um máximo de seis, além dos 12 membros eleitos, estabelecidos pela reforma de 1969;
- Explicita-se que a Revista Brasileira de Psiquiatria é propriedade da ABP.

Período de 1969 a 1973

É reeleito na presidência o Prof. Álvaro Rubim de Pinho, que exercerá o cargo até 1971, sendo substituído por Dr. Fernando Megre Velloso até 1973.

Estamos numa nova fase.

A ABP é filiada à Associação Psiquiátrica da América Latina (APAL) e à Associação Mundial de Psiquiatria. Além de simpósios e reuniões científicas, realizam-se seis conferências, a primeira delas juntamente com a APAL, em São Paulo, e a segunda em Belo Horizonte (1972).

Estabelecem-se as primeiras normas para a concessão do título de especialista, a partir de um projeto do Dr. Manoel Albuquerque. O título atrai o interesse dos psiquiatras de todo o país. Em 1973, é realizado o primeiro concurso para a sua concessão.

O período de 1973 a 1976

Em 1973, é eleito para a presidência da ABP o eminente Prof. José Lucena, de Pernambuco, sendo vice o Prof. Antônio Santaella, de Santa Catarina.

Na Assembleia de Delegados de 6 de setembro de 1974, em Brasília, foi sugerido pela Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, através do seu Presidente, Dr. Hans Ingomar Schreen, que se considerasse tarefa prioritária a regularização administrativa da Associação Brasileira de Psiquiatria, com o incremento da comunicação com as federadas e consubstanciando-se essas mudanças na elaboração de uma adequada reforma dos estatutos e demais regulamentos, mediante elaboração prévia e aprovação final em Assembleia de Delegados. A proposta do Rio Grande do Sul foi aceita e aprovada, especialmente no tocante à reforma dos regulamentos, estimando-se como data provável para isso o mês de março de 1975; no entanto, não se efetivou nesse prazo.

Em setembro de 1975, em Brasília, foi eleito para presidente o Prof. David Zimmermann, de Porto Alegre.

Na apresentação, Prof. David relata como sua aceitação para o cargo foi condicionada à possibilidade de promover para a ABP, no decorrer de sua gestão, a

série de providências adequadas ao bom desempenho dos seus objetivos de fundação.

Dr. David determinou a constituição da “Comissão Especial de Reforma dos Estatutos, Regimento e Normas”, constituída por eminentes psiquiatras de diversas regiões do Brasil: como coordenador (presidente), Dr. Álvaro Rubim de Pinho, e como seus demais constituintes, Dr. Eugênio Mariz de Barros, Dr. Hans Ingomar Schreen, Dr. João Romildo Bueno e Dr. Othon Bastos.

Para a elaboração do regulamento do prêmio da ABP, ao esboço elaborado pelo Dr. David Zimmermann, Dr. Leme Lopes juntou duas importantes sugestões:

1. Que o prêmio não se chamasse “Juliano Moreira”: “Eu preferia que se chamasse ‘Prêmio Associação Brasileira de Psiquiatria’. Juliano é o passado. A Associação é o presente e o futuro”;
- 2. Que não se exigisse o ineditismo dos trabalhos e se aceitassem trabalhos publicados nos intervalos de 2 anos entre cada concessão do prêmio.

Escolhido o relator da comissão, o Dr. Hans contou com a assessoria de dois companheiros de diretoria da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Dr. José Ricardo Pinto de Abreu e Dr. Valter Marques Daudt.

Em setembro de 1976, a ABP realizava seu IV Congresso, na mesma cidade de Fortaleza onde nascera através do “protocolo”. Os delegados marcaram nova assembleia extraordinária para outubro no Rio de Janeiro, com o objetivo específico de discutir os estatutos, o regimento e as normas para a concessão do título de especialista e o regulamento do prêmio da ABP.

A assembleia de delegados no Hotel Nacional

1. Diferenciaram-se, entre os sócios, a categoria de titulares para os possuidores do título de especialista.
2. Criou-se o conselho fiscal;
3. Regimento;
4. Normas para o título de especialista e regulamento do prêmio, que se aprovaram com facilidade no dia seguinte, após nova leitura completa.

As reformas de 1976

Estabelecem o modelo de funcionamento da ABP, que, com mudanças pontuais, continua até os dias de hoje.

Título de Especialista em Psiquiatria pela ABP. Professor da Fundação Universitária Mário Martins, Porto Alegre, RS. Editor da Psychiatry Online Brasil. Ator do Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria.

Com a eleição de Ulysses Vianna Filho em 1977, ficam para trás os anos do colegiado de catedráticos que permitiu a estruturação da ABP e começa uma fase de crescimento em nível nacional e internacional. Em 1977, realizou-se o VI Congresso Mundial de Psiquiatria no Havaí, que marcou o aparecimento da Associação Mundial de Psiquiatria como uma entidade patrocinadora de compromissos éticos para os psiquiatras, com a Declaração do Havaí e a censura de práticas políticas repressivas sob o nome de prática psiquiátrica.³

A REFORMA DE 2013

As direções da ABP se sucediam de forma quase burocrática. Alguém entrava para a diretoria e ia ascendendo na hierarquia até chegar à presidência. Existia estabilidade administrativa, mas o progresso era limitado. Fazia-se mais do mesmo. Foi aí que surgiu um grupo que se denominou Associação Brasileira de Psiquiatria Democrática, que passou a contestar esse sistema vigente. Começaram a trabalhar uma oposição inteligente ao sistema vigente na ABP. Seus líderes eram o Prof. Itiro Shirakawa, de São Paulo, o Prof. João Romildo Bueno, do Rio de Janeiro, e o Dr. Antonio Geraldo da Silva, de Brasília. Na primeira tentativa, não tiveram sucesso, mas o movimento seguiu e, na segunda tentativa, elegeu uma diretoria em 2010 com objetivos

claros: reformular a atuação da ABP e introduzir a eleição direta para a presidência. Toda essa atividade resultou na aprovação dos atuais estatutos, que estão publicados no portal da ABP (<http://www.abp.org.br/portal/institucional/estatuto/>).

O autor informa não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Walmor J. Piccinini, Rua Coronel Aurélio Bittencourt, 265/502, CEP 90430-080, Porto Alegre, RS. E-mail: walpicci@gmail.com

Referências

1. Piccinini WJ. História da psiquiatria [Internet]. 2002 Oct [cited 2016 Aug 23]. <http://www.polbr.med.br/ano02/wal1002.php>
2. Vianna Filho U, Daudt VM. História dos estatutos da ABP: subsídios à história da ABP. Porto Alegre: Associação Médica do Rio Grande do Sul; 1977.
3. Piccinini WJ. História da psiquiatria: abusos da prática psiquiátrica na URSS e o VI Congresso Mundial de Psiquiatria em Honolulu [Internet]. 2002 Oct [cited 2016 Aug 23]. <http://www.polbr.med.br/ano07/wal0807.php>

Leia a sua RDP Online e faça parte da campanha da ABP Sustentável. Atualize o seu cadastro no site da ABP e escolha a opção "online".

www.abp.org.br



CONTINUIDADE E RUPTURA: A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA NO SÉCULO XXI

CONTINUITY AND RUPTURE: THE BRAZILIAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION IN THE 21ST CENTURY

Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária. (Lucas 10:41)

Comemorou-se no dia 13 de agosto de 2016 a criação do Dia do Psiquiatra e, no dia 11 do mesmo mês e ano, a Empresa de Correios e Telégrafos do Brasil lançou selo e carimbo comemorativos em alusão à data, escolhida pelos 50 anos de fundação da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). A ocasião coroou o êxito de uma das gestões mais bem sucedidas na história da ABP, que ao romper com um modelo de administração intuitivo, já insuficiente para lidar com a crescente demanda da especialidade, modernizou e colocou a ABP definitivamente no século XXI. Essa ruptura se deu em meio a uma significativa mudança regimental inaugurada na administração de Antônio Geraldo da Silva, nos períodos sucessivos de 2010-2013 e 2013-2016.

Nesse período de seis anos, a psiquiatria brasileira deixou o outrora estreito e limitado círculo acadêmico em que até então vinha sido dirigida. Os sucessivos presidentes seguiam uma regra dinástica em que eles decidiam quem, na hierarquia da academia, seria o próximo presidente e honravam um acordo de cavalheiros em que o presidente atual se comprometia em abrir mão de qualquer pretensão à reeleição. Os presidentes eram então escolhidos por consenso e aclamados por um sistema de eleição colegiada. É interessante notar que, ao longo desses 44 anos, esse projeto narcísico não elegeu nenhuma mulher presidente.

Desse modo, o modelo da velha ABP não se abria à eleição de qualquer associado caso não estivesse na linha da continuidade sucessória. Era um modelo exclusivista. Nesse ínterim, a maioria das sociedades médicas se democratizava, instituindo eleições diretas e

participativas, o que levou a administrações dinâmicas e modernas. Na ABP, crescia a insatisfação pelo antigo modelo e emergia uma pressão crescente por eleições diretas, inclusive com a participação de alguns notáveis ex-presidentes. Após muita resistência, a continuidade dinástica foi confrontada por uma chapa de oposição que pregava, entre outras coisas, a eleição direta. Essa chapa, liderada por Antônio Geraldo da Silva, então com 47 anos, foi vencedora e, entre outras mudanças administrativas importantes, lutou pela adoção regimental da eleição direta e venceu. Cumprida essa gestão (2010-2013), Antônio Geraldo reelegeu-se, mas agora por eleição direta, sendo o primeiro presidente da ABP a se eleger pelo voto da maioria dos associados, cumprindo a primeira gestão neste novo instituto democrático (2013-2016). Note-se, *en passant*, que essa gestão, que finda no momento em que escrevo este artigo, elegerá a primeira mulher a dirigir a ABP após meio século de sua história.

O entusiasmo trazido pelas mudanças e pela abertura da participação dos associados em todas as instâncias administrativas da ABP atraiu mais inscrições e aumentou a afluência aos congressos anuais, os quais despertaram o interesse de muitas associações internacionais, firmando-se parcerias importantes com a SEPD, SONEPSYN, APSA, APAL, SEPB, SEP, SPPSM, ASMELP, APPD, WADD, RC PSYCH, NIMH e UTTEXAS. A experiência administrativa, empreendedorismo e liderança do novo presidente imprimiu uma cascata de mudanças na ABP. Ele soube reunir um grupo de psiquiatras entusiastas para assessorá-lo, entre eles alguns ex-presidentes cuja experiência e memória foram essenciais à modernização da ABP. Acrescenta-se a isso a incansável colaboração de funcionários que aderiram ao novo estilo de administração.

MD, PhD. Psiquiatra e escritor.

A complexidade das associações médicas em um mundo cujas informações e demandas são atualizadas em tempo real requer uma administração experiente e gestores preparados. Quando a ABP era uma pequena associação, não era difícil administrá-la, mas as vertiginosas mudanças na sociedade e uma medicina cada vez mais complexa, integrada e exigente levaram a capacidade administrativa das gestões passadas a um limite. Quando o mencionado presidente assumiu a ABP, deparou-se, entre várias coisas, com um déficit fiscal de R\$ 60 mil/ano devido à prova de especialização. Enquanto as demais associações médicas já cobravam pela prova de título de especialista uma taxa importante, na ABP a prova de título era gratuita. A gestão em pauta não apenas passou a cobrar o justo pagamento pela especialização, como deu excelência ao concurso, fazendo, por exemplo, as provas práticas atualmente no ambiente dos hospitais, como fazem as demais especialidades, e não mais por descrição de casos ou vídeos. Este fato ilustra o impulso da nova ABP, que, no âmbito administrativo, atacou os déficits fiscais e, junto com outras medidas saneadoras, aumentou o caixa, o que mais tarde possibilitou à ABP ter uma sede administrativa própria (Rio de Janeiro) e reformar a sede de produção das revistas da Associação (São Paulo).

A nova administração estimulou a modernização e o desenvolvimento de federadas, embora algumas tenham mantido antigos vícios políticos, apesar de a nova ABP ter instituído fundos de participação para eventos e cursos. Criou-se a ABP TV, reformulou-se o curso de educação continuada, aumentou-se a produção de textos didáticos com a parceria ABP/ARTMED, modernizou-se a Revista Debates em Psiquiatria, e a Revista Brasileira de Psiquiatria internacionalizou-se, aumentando o seu impacto. Algumas dessas iniciativas já tinham sido implantadas em gestões passadas, porém, não avançaram devido a problemas de gestão de recursos.

Um fato de singular importância na gestão da nova ABP foi a inclusão da psiquiatria na vida nacional. Os psiquiatras passaram a ser mais participativos nas políticas de saúde mental, que, tomada por aventureiros ideológicos antipsiquiátricos, buscavam excluir a psiquiatria e os psiquiatras eliminando leitos na rede pública, levando doentes mentais graves à desassistência e chegando mesmo a propor a proibição de tratamentos reconhecidamente eficazes e apropriados, mergulhando

a saúde mental no atraso e os doentes na angústia do desamparo. Ora, a nova ABP mostrou que a psiquiatria é também um instrumento de cidadania, proporcionando aos que sofrem de graves transtornos mentais tratamentos modernos, que devolvem ao cidadão a sua capacidade de decisão e trabalho. Isso inclui, nessa mesma linha, as campanhas públicas de valorização do psiquiatra e da prevenção do suicídio.

A campanha da psicofobia, iniciativa pessoal do presidente Antônio Geraldo, foi sucesso de mídia e estimulou a participação popular na psiquiatria, aproximando o cidadão brasileiro da especialidade. Muitas emissoras de TV, rádio e jornais passaram a convidar psiquiatras para falar de temas de saúde mental para a população. A campanha da psicofobia, ou preconceito contra os que sofrem de transtornos mentais, acabou por se transformar em um projeto de lei ora em tramitação do Congresso Nacional. Essa campanha se estende também àqueles que negam ao padecente assistência psiquiátrica, em nome de uma ideologia que prega a não existência da doença mental, o que também é uma forma de psicofobia. A participação espontânea de figuras populares, como artistas e esportistas, declarando-se portadores de algum transtorno mental e recebedores de ajuda psiquiátrica, mostrando que isso jamais obscureceu o seu brilho e a admiração de seu público, foi um passo importante contra esse preconceito. Também uma campanha contra o crack, que recebeu o slogan “Craque que é craque não usa crack”, foi sucesso de mídia e ganhou a adesão de grandes nomes do esporte para divulgá-la gratuitamente, inclusive com chamadas em partidas oficiais de futebol. Esses fatos abriram a psiquiatria para a sociedade brasileira, tirando-a do seu ostracismo histórico.

Esses são fatos que levaram a uma descontinuidade na narrativa da velha ABP, rompendo o tradicionalismo. Em toda associação, com em qualquer empresa, todos estão dispostos a ajudar. Somente quando as pessoas são mal governadas, perdem o interesse no trabalho, a confiança na administração e se deprimem. Isso leva à estagnação. Mas se bem governadas e bem orientadas em suas funções, as pessoas formam o coletivo que garante o sucesso e o progresso de uma empresa. Isso acontece quando alguém tem o que chamamos de “espírito de liderança”, e uma liderança não é algo

ARTIGO ESPECIAL

FERNANDO PORTELA CÂMARA

ARTIGO

que sempre ocorre quando elegemos alguém para dirigir uma associação. De fato, ela é incidental, isto é, todos podem ser eleitos para governar, mas somente alguns irão liderar: são os agentes de mudança. É nesse contexto que uma ruptura acontece, e somente assim uma mudança é possível. Romper com estruturas do passado, as fatídicas “tradições”, é o evento inaugural de toda grande transformação.

Por fim, darei aqui um testemunho pessoal. Nunca integrei as diretorias das gestões mencionadas, mas fui um defensor independente e ativo das eleições diretas da ABP, que iniciei na lista brasileira de psiquiatria em 2005. A partir daí, uni-me a um grupo que defendia essa causa há algum tempo e que formou a chapa de oposição que disputou as eleições em 2007. A perda

dessa eleição serviu para chamar a atenção pela causa e ganhou muitas adesões. O grupo então decidiu escolher um líder com capacidade para levar adiante a causa, e foi assim que Antônio Geraldo da Silva, um participante ativo desse grupo, foi escolhido por unanimidade para liderar a chapa de oposição em 2010, com o compromisso de que, se vencesse, implementaria eleições diretas na ABP. Ele foi mais além e abriu o século XXI na psiquiatria brasileira. Esse grupo se autodenominava “nova ABP” ou “ABP democrática”, e a sua história foi aqui contada.

O autor informa não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: fpcamara@gmail.com

**Baixe o aplicativo da ABP
em seu celular e fique por dentro de:**

NOTÍCIAS



NOVIDADES



EVENTOS



CBP 2017



CURSOS



Disponível em:





CINQUENTA ANOS DA COCIEN

FIFTY YEARS OF COCIEN

A Comissão Científica (COCIEN) da ABP vem sendo, nesses 50 anos, responsável pela programação científica de todos os Congressos Brasileiros de Psiquiatria – CBP. Ela também tem seu histórico próprio, que passamos a relatar.

Durante anos, a programação foi feita, centralmente, pela própria Diretoria. Em 1999, no CBP do Ceará, houve a primeira grande mudança da COCIEN. Nessa ocasião, a comissão passou a ser composta por três membros designados pela Diretoria da ABP, mais três membros indicados pela Federada sede do congresso, sendo seu coordenador indicado pela Diretoria. Ainda naquele ano, a elaboração da programação científica foi realizada totalmente pelos membros dessa comissão. Num segundo momento, com a abertura democrática que chegara ao país, decidiu-se solicitar aos associados o encaminhamento de sugestões de temas e nomes para as mesas-redondas, cabendo à COCIEN avaliá-las e incluí-las na programação. Entretanto, os cursos ainda eram centralizados, pensados de cima para baixo. Finalmente, para completar a democratização da programação científica do CBP, a COCIEN passou a aceitar e selecionar cursos encaminhados por professores expoentes da psiquiatria brasileira.

Chegamos em 2016 com a recente ampliação da COCIEN. Agora, além dos seis membros, ela conta com a participação de todos os professores de psiquiatria titulares do Brasil e renomados pesquisadores residentes no exterior. Com isso, a programação científica vem abrangendo todas as áreas da psiquiatria, com temas relevantes em pesquisa, ensino e assistência. Foi assim que a COCIEN conseguiu chegar à excelência na programação científica do CBP, elogiada por todos os seus participantes. O CBP da ABP é o segundo maior congresso nacional de psiquiatria do mundo, com a presença de cerca de 7.000 congressistas.

Neste ano, o ano dos 50 anos da ABP, foram convidados mais de 50 palestrantes com Índice H acima

de 50, todos de renome internacional. Impossível citar todos, mas contamos com nomes como Robin Murray, com Índice H = 115, do King's College de Londres, que ministrou as palestras “Esquizofrenia: um modelo integrando desenvolvimento, dopamina e cognição” e “O que as psicoses induzidas por drogas podem nos dizer sobre a esquizofrenia”, ambas com salas lotadas.

Hoje, nosso associado não precisa mais ir aos congressos internacionais para conhecer os grandes nomes da psiquiatria atual. O movimento se inverteu. Os palestrantes internacionais têm prazer em vir falar no nosso CBP, sem qualquer ônus para a ABP. Ao longo desses últimos anos, podemos destacar a presença de psiquiatras como: o Prêmio Nobel Eric Kandel; German Berrios, professor de História da Psiquiatria na University of Cambridge, no Reino Unido; e Nancy Andreasen, que ocupa a cátedra Andrew H. Woods de psiquiatria no Carver College of Medicine, na University of Iowa. Não podemos nos esquecer também dos presidentes da Associação Psiquiátrica da América Latina (APAL) e da Associação Mundial de Psiquiatria (World Psychiatric Association, WPA), como Dinesh Bhugra, que vêm prestigiando nossos eventos já há algum tempo.

Neste CBP Gold, dos 50 anos da ABP, destacamos os principais conferencistas estrangeiros e suas palestras:

- Boris Birmaher - University of Pittsburgh, EUA - Tratamento da depressão em crianças e adolescentes
- Cameron Carter - University of California, EUA - Mecanismos cognitivos e neurodesenvolvimentais nos transtornos psicóticos
- Carlos A. Zarate Jr. - National Institute of Mental Health (NIMH), EUA - Alívio da depressão grave e da ideação suicida em algumas horas: das sinapses aos sintomas e aos novos tratamentos
- Donald Klein - NYU Langone Medical Center, EUA - Depressão atípica: diagnóstico e tratamento

¹ Vice-Presidente da ABP e Professor Titular de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (UNIFESP-EPM), São Paulo, SP. ² Diretor Tesoureiro da ABP e Professor Titular, Faculdade Medicina, Instituto de Psiquiatria (IPUB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ.

- Guy M. Goodwin - University of Oxford, Oxford, Reino Unido - Diretrizes da Associação Britânica de Psicofarmacologia para o tratamento do transtorno bipolar
- Hans Jürgen Möller - Ludwig-Maximilians-Universität, Alemanha - Alterações cerebrais na esquizofrenia e seu impacto no prognóstico
- James F. Leckman - Yale University, EUA - O que a imunologia tem a ver com o desenvolvimento cerebral e os transtornos neuropsiquiátricos
- Joseph R. Calabrese - Case Western Reserve University School of Medicine, EUA - Impacto em saúde pública dos transtornos mentais e relacionados ao uso de substâncias
- Helen Herrman - University of Melbourne, Austrália - Promovendo a saúde mental de mulheres e meninas em situação adversa: o psiquiatra como parceiro para a mudança
- Maria A. Oquendo - Columbia University, EUA - Saúde mental global: perspectivas para 2020
- Robert Zipursky - McMaster University, Canadá - Recuperação em esquizofrenia: oportunidades e desafios
- Sophia Frangou - Icahn School of Medicine at Mount Sinai, EUA - Imagem de terceira geração: avaliando o potencial translacional de neuroimagem
- Flávio Kapczinski - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil - Virginia Woolf: a anatomia de um suicídio
- Gustavo Tureck - McGill University, Canadá - Revendo o risco de suicídio: da experiência traumática à psicopatologia
- Jair C. Soares, UTHealth Harris County Psychiatric Center e University of Texas Health Science Center, EUA - Transtorno bipolar: contribuições da neuroimagem para a compreensão dos mecanismos fisiopatológicos
- João Luciano Quevedo - McGovern Medical School e University of Texas Health Science Center, EUA - Neurobiologia do transtorno bipolar
- Julio Licínio - South Australian Health and Medical Research Institute e Flinders University, Austrália - Medicina de precisão na depressão maior: o papel da farmacogenética
- Rodrigo Machado Vieira - Translational Research Clinic in Mood Disorders e National Institute of Mental Health, EUA - O uso do lítio na prática clínica e pesquisa: do transtorno bipolar a doenças neuropsiquiátricas
- Sergio Tufik - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil - Estudo epidemiológico do sono da cidade de São Paulo

Destacamos, por último, todos os nossos professores e pesquisadores brasileiros e suas palestras no CBP Gold:

- Benício N. Frey - McMaster University, Canadá - Diretrizes para o tratamento do transtorno depressivo maior: uma atualização do 2016 CANMAT Guidelines

Enfim, chegamos ao topo da ciência brasileira, com um CBP atuante, inovador e de alta qualidade. A COCIEN se orgulha de sua evolução nesses 50 anos da ABP, que culminaram com o CBP Gold em 2016.

Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: itiroshir@icloud.com

CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIÁTRIA (RBP)

CREATION AND CONSOLIDATION OF REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (RBP)

Resumo

A Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) foi criada no mesmo ano que a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), há 50 anos. Entretanto, a revista sofreu solução de continuidade, provocando mudança de seu nome para Revista da ABP e, posteriormente, para Revista ABP-APAL, assim persistindo durante 20 anos, mas sempre sendo órgão oficial da ABP. Como a história da revista se confunde com a da ABP, vários presidentes da associação, responsáveis por alterações substanciais na revista, são mencionados, assim como os vários editores que contribuíram com seus trabalhos na consolidação da RBP, hoje com expressivo reconhecimento nacional e internacional.

Palavras-chave: Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP), Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), editores, fator de impacto.

Abstract

Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) was created in the same year as Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), i.e., 50 years ago. However, the journal was discontinued for some time, resulting in a change of its title to Revista da ABP and later to Revista ABP-APAL, remaining so for 20 years. Notwithstanding, the journal has always been an official publication of ABP. As the history of the journal is intertwined with the history of the Association, several ABP presidents have been mentioned – all of whom have brought forward substantial changes and improvements to the journal –, as well as many editors who have devoted their efforts to consolidating RBP, presently a journal with substantial national and international recognition.

Keywords: Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP), Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), editors, impact factor.

OS PRIMEIROS ANOS

A história da Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) confunde-se com a da fundação da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), há 50 anos, em 13 de agosto de 1966. Não foi à toa que o atual presidente da ABP, Antonio Geraldo da Silva, envidou esforços para a criação do Dia do Psiquiatra nesta data (13/08), dentro do programa de valorização de nossa especialidade (Orgulho de ser Psiquiatra).

Naquela ocasião (1966), um grupo de psiquiatras de várias regiões do país, reunidos no Rio de Janeiro, fundaram a ABP e aprovaram seu primeiro estatuto, o qual previa, no primeiro capítulo, a publicação de uma revista, a RBP. A reunião foi movimentada, e após muita discussão foi estabelecido que a secretaria geral e a tesouraria ficariam sediadas no Rio de Janeiro, enquanto a recém criada RBP iria para São Paulo, com a editoria de Clóvis Martins.

O primeiro número da RBP foi publicado em 1967 e registrado em nome de Clóvis Martins, porque a ABP ainda não tinha seu registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), o qual só foi obtido em 1974. Esse fato criou, mais tarde, muitas dificuldades para a ABP. Essa editoria permaneceu durante 5 anos, instituiu um corpo editorial e sonhava em iniciar revisão por pares (*peer review*) para buscar a indexação da RBP¹.

Entretanto, a ABP enfrentava uma crise financeira, e os custos para edição da revista eram muito altos. Assim, a publicação da RBP foi interrompida em 1972, quando houve um rompimento entre a diretoria da ABP e seu

Professora titular de Psicofarmacologia, Departamento de Psicobiologia, Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (UNIFESP-EPM), São Paulo, SP. Livre-Docente em Psiquiatria, Departamento de Psiquiatria, UNIFESP, São Paulo, SP.

editor. Este último, antes desse desfecho com a ABP, havia organizado em 1970 o I Congresso Brasileiro de Psiquiatria, junto com o VI Congresso da Associação Latino-Americana de Psiquiatria (APAL), em São Paulo, ocasião em que foi eleito presidente da APAL.

A interrupção da publicação da RBP ocorreu desde 1973 até 1975, quando em Assembleia Geral de Delegados em Brasília deliberou-se pela edição de uma “nova” revista, a Revista da ABP. O primeiro e único número da Revista da ABP foi publicado 2 anos depois, em setembro de 1977, no Rio Grande do Sul, graças ao empenho do então Presidente da ABP, David Zimmermann, que estabeleceu parceria com a Associação Médica do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, acesso para utilização de sua infraestrutura. Nesse mesmo ano, Ulysses Vianna Filho, do Rio de Janeiro, assumiu a presidência da ABP, e nova interrupção da revista aconteceu por falta de recursos financeiros².

O segundo número da Revista da ABP foi publicado em 1979, com editorial do presidente da ABP, que escreveu:

Diante dos custos elevados, a diretoria viu-se obrigada a interromper novamente a publicação. Agora, cumprindo o programa de autofinanciamento das publicações da ABP (...) encontramos-nos em condições de lançar nossa revista (...) autofinanciável, sem espírito amadorista, que não pode mais persistir. É este um desafio que o futuro, espero eu, venha demonstrar o acerto da decisão tomada.

A Revista da ABP voltou a ser publicada em São Paulo, com a editoria de Sérgio Dario Seibel e coeditoria de Joaquim Lopes Alho Filho e Sérgio Hazov Coura. Entretanto, continuou sem a periodicidade programada, o editor saiu, assumindo os coeditores. A piora da situação financeira da ABP, em decorrência da inflação galopante do país, continuava comprometendo a periodicidade da Revista da ABP.¹

Ainda em 1979, surgiu a ideia de uma Revista ABP-APAL, uma vez que a Revista APAL estava por desaparecer devido à falta de financiamento. No ano seguinte (1980), Marcos Pacheco Toledo Ferraz assumiu a presidência da ABP para a gestão regular de 3 anos. De 1983 a 1985, a diretoria da APAL contava com três brasileiros, sendo um deles o recém ex-presidente da ABP. Assim, em 1984, foram

publicados dois números como Revista APAL – Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria, com a editoria de Manoel Antonio Albuquerque, então presidente da APAL, junto com Marcos P.T. Ferraz e Miguel Roberto Jorge.

No segundo semestre de 1984, meses após a posse de nova diretoria da ABP, presidida por João Romildo Bueno, a Revista da ABP passou a ser publicada conjuntamente com a Revista APAL, que depois passou a ser denominada Revista ABP-APAL. Nesse mesmo período, a convite do presidente, um grupo composto por Arthur Guerra de Andrade, Helena M. Calil, Hercília M.A. Valladares, José Alberto Del Porto e Sérgio Luís Blay assumiu a editoria pela ABP; enquanto que, pela APAL, permaneceram os mesmos editores. Em seu editorial, Manuel Antonio Albuquerque (presidente da APAL) escreveu:

O compromisso fundamental desta revista é com os leitores e escritores da psiquiatria latino-americana. Seu objetivo maior é constituir um instrumento de melhoria da saúde mental deste povo que a inspira e mantém viva.¹

TEMPOS DE TRANSIÇÃO

A partir de 1985, o grupo, chamado de comissão editorial, iniciou, com muito entusiasmo e aval da diretoria, um processo de “profissionalização” da revista, incluindo independência “parcial” da diretoria da ABP. Entre as medidas tomadas, destacaram-se: 1) a instituição da revisão dos trabalhos enviados para publicação, depois com a composição de um conselho editorial; 2) padronização da numeração da revista segundo as normas de publicações seriadas; 3) obtenção do International Standard Serial Number (ISSN); 4) início da indexação da revista, sendo o primeiro deles no Index Medicus Latino-Americano, posteriormente denominado Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e precursor da Scientific Electronic Library Online (SciELO), ambos da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), apoiados pela Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)³.

A editoria da Revista ABP-APAL, em 1986, reduziu-se a Arthur Guerra de Andrade, Helena M. Calil, Miguel Roberto Jorge e Sérgio Luís Blay. Considerando que a revista continuava representando um ônus muito grande à

ABP, os editores solicitaram auxílio ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse auxílio foi concedido para o ano seguinte, mas às custas da exclusão de qualquer tipo de publicidade. O CNPq não concedeu o auxílio em 1988, e na ausência de verbas publicitárias, aliada à diminuição do número de trabalhos submetidos para publicação (reflexo da nova política editorial de *peer review*), instituiu-se uma nova crise, implicando em atraso da periodicidade da revista. Apesar disso, as diretorias subsequentes da ABP mantiveram a autonomia concedida aos editores e auxiliavam os editores na busca de recursos para a publicação da revista. Assim, Luis Salvador de Miranda Sá, na ocasião presidente da ABP, obteve apoio financeiro do Ministério da Saúde (MS), Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM) e Conferência Nacional de Saúde Mental (CNSM) durante 18 meses, que também excluía inserção de anúncios das indústrias farmacêuticas. Dessa forma, a política editorial instituída foi consolidando-se.

O reflexo do trabalho dos editores, apoiados pelas sucessivas diretorias da ABP, foi a indexação da revista na Excerpta Medica (EMBASE), no Biological Abstracts (BIOSIS) e no Psychological Abstracts (PsychInfo). Entretanto, em 1990, novamente sofrendo o impacto da perda do apoio financeiro do MS e ainda impedida de publicar anúncios, a revista teve mais uma vez sua periodicidade comprometida.

Em 1991, os editores eram Helena M. Calil e Sérgio Luís Blay, tendo como editores associados José Cassio do Nascimento Pitta e Sérgio Baxter Andreoli. Gradativamente, a Revista ABP-APAL passou a contar com um fluxo contínuo de contribuições, em sua maioria de boa qualidade técnico-científica. A sua periodicidade foi sendo mantida, e a captação de recursos publicitários tornou-a autossustentável. Nesse ano, a Revista ABP (circunstancialmente Revista ABP-APAL) completou seus 20 anos de publicação, sempre buscando aprimorar a qualidade científica, sem deixar de atender aos anseios de uma parcela significativa dos associados da ABP⁴. É interessante notar que, neste ano, foi inaugurada a página web da ABP, e a editoria da revista planejava informatizar a editoração da revista, ainda realizada manualmente, e em seguida buscar indexação internacional mais ampla. Entretanto, no final da presidência de Rogério Wolf Aguiar, em 1998, a diretoria da ABP decidiu mudar a

editoria da revista e foram nomeados editores Jair Mari de Jesus e Eurípides C. Miguel.

CONSOLIDAÇÃO

Os novos editores assumiram a revista em 1999, escolhendo dois editores associados, Geraldo Bussato e Isabel A. Bordin. Mais ainda, foi criada uma editoria executiva profissional. Nesse mesmo ano, Miguel Roberto Jorge assumiu a presidência da ABP. Após negociações entre a diretoria da ABP e o antigo editor da RBP, chegou-se finalmente a um acordo, e o órgão oficial da ABP voltou a circular como RBP, com um pequeno quadro “Antiga Revista ABP-APAL”. O grupo de editores estabeleceu as principais metas: ampliação da penetração internacional e obtenção de indexação nas principais bases; profissionalização das atividades editoriais; renovação do conselho editorial; e criação de conselho editorial internacional. Atendendo às demandas dos associados, além da veiculação de artigos científicos de qualidade, a RBP passou a editar dois suplementos anuais sobre temas especiais e de interesse clínico, além de seções específicas (internacionais, de livros e de história da psiquiatria) com respectivos editores especializados. A RBP, no final de 1999, foi indexada no recém criado SciELO e passou a ser veiculada também em formato eletrônico (www.scielo.br/rbp)⁵.

No ano seguinte (2000), a RBP passou a contar com serviço exclusivo de secretaria. A primeira avaliação da revista pela National Library of Science foi em 2002, época em que os artigos originais e as comunicações breves passaram a ser publicados em inglês. Além disso, Marcos Mercadante substituiu Geraldo Bussato como editor associado. Em 2003, Luis Augusto Rohde e Rodrigo Bressan entraram como editores associados, substituindo Isabel A. Bordin. Nesse ano, a revista foi indexada no Index Medicus/MEDLINE, a caminho da próxima meta: sua indexação no Science Citation Index (SCI) do Institute for Scientific Information (ISI), concretizada em 2005. Várias mudanças foram sendo feitas, tanto no sentido de internacionalização da revista como no seu papel de educação continuada aos psiquiatras clínicos. Em 2007, a revista completou 40 anos. No final desse ano, Luis A. Rohde assumiu a editoria da revista junto com Eurípides C. Miguel e Jair Mari. A partir daí, esforços se concentraram em obter

Professora titular de Psicofarmacologia, Departamento de Psicobiologia, Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (UNIFESP-EPM), São Paulo, SP. Livre-Docente em Psiquiatria, Departamento de Psiquiatria, UNIFESP, São Paulo, SP.

um fator de impacto (FI), medido pelo SCI/ISI e pelo Journal of Citation Reports (JCR), acima de 1.0, para atender critérios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), usados na avaliação de cursos de pós-graduação no país.

O FI de uma revista científica/acadêmica é uma medida que reflete o número médio de citações anuais dos artigos recentes (dos últimos 2 anos) publicados naquela revista e computados a partir de 3 anos após a indexação no SCI/ISI e no JRC⁶. Em estatística, é usado como uma variável que, em si mesma, não é diretamente relevante, mas que serve para medidas não mensuráveis, tais como a importância relativa de uma revista na sua área. Revistas com FI maiores frequentemente são consideradas mais importantes do que aquelas com os menores. Apesar de sua valorização no meio acadêmico, o FI tem sido controverso por seu reducionismo, usos inadequados e possíveis manipulações editoriais⁷⁻⁹.

Com todas as modificações, a RBP, profissionalizada, foi se consolidando com aprimoramentos sucessivos. Além dos editores, que passaram a ser denominados editores chefes, foi criado um grupo de editores associados e outro de editores júnior. Isso sem mencionar as editorias administrativa e de produção. Os editores chefes foram, sucessivamente: Luis Augusto Rohde (2006-2008); Rodrigo Affonseca Bressan (2008-2011); Beny Lafer (2008-2010); Marcelo Pio de Almeida Fleck (2008-2012); José Alexandre de Souza Crippa (2011-2012); Flavio Kapczinski (2013-presente); e Antonio Egidio Nardi (2014-presente).

Os esforços dos editores, com todo o apoio da diretoria da ABP, refletiram-se nos FI descritos na Tabela 1.

Tabela 1 - Fatores de impacto da Revista Brasileira de Psiquiatria, 2009-2015

Ano	Fator de impacto	Total de artigos	Total de citações
2015/2016	2,181		
2014	1,765	56	1319
2013	1,638	71	1250
2012	1,856	61	1119
2011	1,198	44	1132
2010	1,593	63	842
2009	1,391	58	873

Fonte: www.bioxbio.com/uf/html/REV-BRAS-PSIQUIATR.html

Dessa forma, a RBP tornou-se, neste ano de celebração dos 50 anos da ABP, a primeira revista científica do Brasil e da América Latina e a quinta de psiquiatria de *open access* no mundo. Segundo seus editores:

Este é um fato de grande importância, pois salienta a maturidade e a produtividade da psiquiatria acadêmica brasileira. Representa muito para a nossa psiquiatria, pois atesta nosso papel de liderança, e não apenas como reprodutores, mas como produtores de conhecimento. (Flavio Kapczinski)

... uma conquista da pesquisa em psiquiatria no Brasil. Essa é a representação que nós, psiquiatras brasileiros, estamos produzindo ciência e tendo reconhecimento mundial. (Antonio Egidio Nardi)

Mais ainda, nas palavras de Antonio Geraldo da Silva, presidente da ABP:

A melhor revista de todas as áreas das ciências do Brasil. A melhor revista da área de medicina e da saúde da América Latina.

A RBP, órgão oficial da ABP, sem dúvida representa uma realização de nossa associação, com a colaboração de muitos de seus associados.

A autora informa não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Profa. Dra. Helena Maria Calil, Departamento de Psicobiologia, UNIFESP-EPM, Rua Botucatu, 862, 1º andar, CEP 04023-901, São Paulo, SP. E-mail: hmcailil@unifesp.br

Referências

- Bueno JR. Memória das publicações da ABP. *Psiquiatria Hoje*. 2003;4:24-6.
- Piccinini WJ. Apontamentos sobre a história da Revista Brasileira de Psiquiatria [Internet]. 2005 [cited 2016 Oct 04]. polbr.med.br/ano05/wal0405.php
- FernándezLMM, Alonso MI, López AM, Valenzuela JV. Consistency between indexers in the LILAC database (Latin American and Caribbean Health

- Science Literature). Information Research. 2013;18(4) paper 601. <http://InformationR.net/ir/18-4/paper601.html>
4. Calil HM, Blay SL. Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria (Rev. ABP) 20 anos [editorial]. Rev ABP-APAL. 1997;19. [Errata em Rev ABP-APAL. 1998;20(1).]
5. Packer AL, Cop N, Luccisano A, Ramalho A, Spinal E. SciELO-15 anos de acesso aberto: um estudo analítico sobre acesso aberto e comunicação científica. Paris: Unesco; 2014.
6. Garfield E. The history and meaning of the journal impact factor. JAMA. 2006;295:90-3.
7. Bloudoff-Indelicato M. NIH metric that assesses article impact stirs debate. The US biomedical funding agency is using the metric to evaluate funded research. Nature. 2015. doi:10.1038/nature.2015.18734
8. Callaway E. Beat it, impact factor! Publishing elite turns against controversial metric. Nature. 2016;535:210-211. doi:10.1038/nature.2016.20224
9. Editorial. Time to remodel the journal impact factor. Nature. 2016;535:466. doi:10.1038/535466a

PRESENTE E FUTURO DA REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (RBP)

PRESENT AND FUTURE OF REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (RBP)

Resumo

A Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) é hoje uma das mais destacadas publicações científicas brasileiras, sendo atualmente o periódico de maior fator de impacto em todo o país em qualquer área das ciências. Ao longo dos últimos anos, a RBP vem se consolidando no cenário internacional das publicações da área de psiquiatria, atraindo um volume crescente de submissões, advindas dos mais diversos países. Neste artigo, a história recente da RBP é apresentada, destacando suas ações, contribuições e conquistas mais significativas.

Palavras-chave: Publicações, periódicos, fator de impacto, política editorial.

Abstract

Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) is currently one of the most important scientific journals in Brazil, and it now holds the highest impact factor among all Brazilian scientific journals. Over the past few years, RBP has consolidated its position in the international scenario of psychiatric publications, attracting a growing number of submissions from different countries. In this article, we review the recent history of RBP, highlighting its most significant actions, contributions, and achievements.

Keywords: Publications, journals, impact factor, editorial policies.

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) tem hoje a revista científica de maior fator de impacto em todo o país, entre todas as áreas de ciências, de acordo com o último levantamento do Journal Citation Reports (JCR) da Thomson Reuters¹. Prestes a completar 18 anos, a Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP) surge a partir de uma proposta de renovação da antiga Revista da ABP e

da Associação Psiquiátrica da América Latina (Revista da ABP/APAL). Vislumbrando a possibilidade de reposicionar o veículo científico da ABP, o então presidente da ABP, Rogerio Wolf de Aguiar, convidou os professores Jair J. Mari e Eurípedes C. Miguel para assumir o projeto editorial da nova revista em 1999.

A partir daquele ano, uma sucessão de mudanças que foram gradualmente sendo implementadas na RBP fortaleceu o posicionamento do periódico entre as publicações científicas do país. Muito além da troca do título, a própria missão original da RBP ("propagar o conhecimento gerado na América Latina e no Caribe, além de veicular uma educação médica... aos profissionais de saúde mental") foi remodelada. De uma revista voltada para a atualização e educação continuada, a RBP assumiu um papel de liderança como periódico de divulgação de pesquisas científicas qualificadas, transformando-se, ao longo dos anos, em uma das revistas científicas de maior prestígio no país, hoje com sólida e notável inserção internacional, na área de psiquiatria.

As consecutivas gestões que vêm se alternando no comando da RBP têm uniformemente assumido o compromisso de manter o padrão editorial e buscar o aprimoramento do processo de publicação. O empenho de editores, autores e revisores ao longo dos anos é o alicerce do bem-sucedido projeto da RBP de se consolidar como uma das publicações científicas mais prestigiadas do país e um veículo de destaque entre as revistas psiquiátricas mundiais.

A ascensão da RBP pode ser comprovada por diferentes medidas, tanto em nível nacional quanto internacional. No plano nacional, o índice Qualis da CAPES (sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros no que se refere aos artigos

científicos) atribuía conceito Nacional A à RBP em 2000, passando a Internacional C em 2003 e a Internacional B em 2005. Atualmente, a RBP tem classificações que variam entre A e B conforme a área de avaliação. No plano internacional, a RBP obteve, em 2003, sua primeira indexação internacional no MEDLINE. Em 2004, a RBP passa a ser editada em português e inglês, e já em 2005, coroando os esforços da equipe editorial, é incluída na base de dados do Institute of Scientific Information (ISI), etapa obrigatória para a obtenção do fator de impacto.

Desde o seu primeiro ano, a RBP foi disponibilizada online, na íntegra e de forma gratuita, através do SciELO (www.scielo.br/rbp), repositório onde ainda podem ser encontrados todos os artigos publicados pela revista desde o seu lançamento em 1999. Porém, para o aumento da visibilidade da RBP, as indexações no MEDLINE e ISI foram fundamentais para a divulgação e reconhecimento no meio científico, aumentando, assim, a qualidade dos artigos submetidos e publicados.

Em 2006, inicia-se um processo – mantido constante a partir daí – de renovação do corpo editorial, incluindo editores-chefes e associados. Em 2006, Luis A. Rohde assume como um dos editores-chefes, ao lado de Jair Mari e Eurípedes Miguel, que então deixam a RBP após 10 anos de dedicação. Em 2008, a RBP passa a ser liderada por Rodrigo Bressan, Beny Lafer, Marcelo Fleck e Marcos Mercadante. Hermano Tavares, Leonardo Fontenelle e Guilherme Polanczyk unem-se ao comando da RBP em 2009. Nesta época, a RBP passa a operar plenamente através do sistema eletrônico de submissão e avaliação de manuscritos, utilizando a plataforma Manuscript Central, da Thomson Reuters. O gerenciamento online de artigos operacionalizou o processo de revisão dos manuscritos, permitindo acelerar o processo de avaliação, garantindo aos autores uma publicação mais rápida. No intuito de atrair pesquisas de alto impacto, a RBP passou a utilizar também um sistema de *fast-track* (avaliação rápida) para artigos de alta relevância científica e de publicação *ahead of print*, permitindo que os artigos fossem publicados online antes de figurarem na versão impressa.

O resultado de todas essas mudanças foi rapidamente perceptível. Após a indexação no ISI em 2005, a RBP recebeu seu primeiro fator de impacto no JCR em junho de 2008: 1,225. Esse índice, calculado com base nas citações recebidas em 2007 dos artigos publicados nos

2 anos anteriores (2005 e 2006), colocou a RBP como a revista médica de maior fator de impacto na América Latina, ficando empatada em primeiro lugar com as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz entre as revistas latino-americanas da área da saúde.

Esse resultado foi interpretado pelos editores, à época, como produto da confluência de fatores positivos em vários níveis². Num plano geral, o sucesso refletia uma maior valorização da pesquisa no Brasil e uma política de fortalecimento e incentivo aos programas de pós-graduação, fonte da maior parte da produção científica nacional. Em segundo lugar, o êxito da RBP foi atribuído a uma política sintônica das sucessivas direções da ABP, caracterizada pelo investimento na qualificação e independência científica da RBP. A isso somava-se, ainda, a indispensável confiança depositada por autores e grupos de pesquisa, que submeteram artigos de qualidade para serem publicados na RBP, assim como o criterioso trabalho de pareceristas, que os julgaram e contribuíram para o seu aperfeiçoamento².

Nos anos seguintes, o fator de impacto seguiu crescendo de forma gradual (Figura 1). Além do número crescente de citações dos artigos publicados na RBP, outra medida atesta a maior visibilidade e prestígio da publicação ao longo dos anos. Sucessivamente, a revista foi diminuindo seu número de endocitações (ou seja, citações à revista geradas por artigos publicados na própria RBP) e obtendo mais citações advindas de outros periódicos. Em 2009, por exemplo, 28% das citações da RBP foram feitas em artigos da própria revista; em 2010, esse percentual já havia caído para 18%.

Desde então, a RBP vem consolidando sua posição de liderança entre os periódicos nacionais e de crescente reconhecimento entre os periódicos dedicados à psiquiatria e à saúde mental em todo o mundo. Ao longo da última década, a RBP manteve uma política editorial consistente, com múltiplas ações concatenadas (com destaque para a decisão de publicar artigos exclusivamente em inglês), visando à internacionalização da publicação e à inserção da produção científica brasileira no cenário mundial³.

Atualmente, a RBP recebe um grande número de trabalhos, originados em instituições de ensino e pesquisa de todo o mundo. Em 2015, foram submetidos 243 novos artigos, de 25 diferentes países dos cinco continentes. A

¹ Professor titular de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS. Editor-chefe, Revista Brasileira de Psiquiatria. ² Professor titular de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ. Editor-chefe, Revista Brasileira de Psiquiatria.

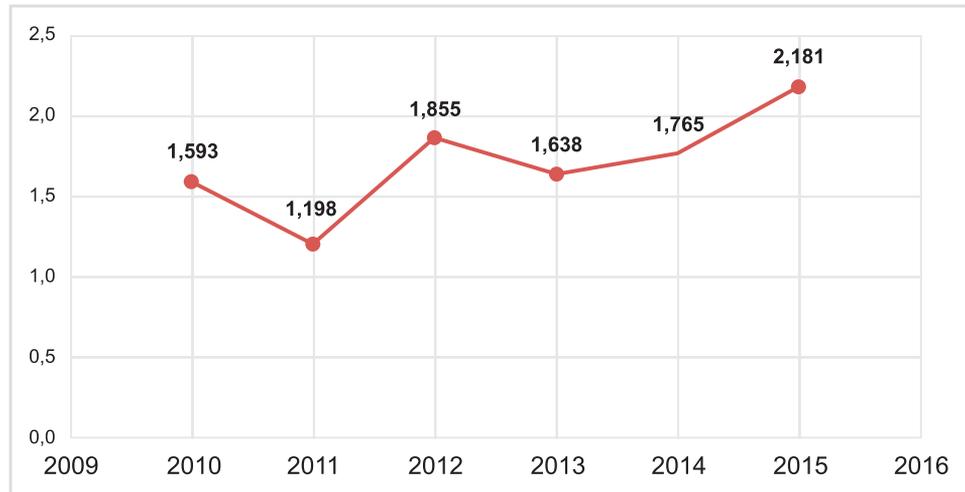


Figura 1 - Fator de impacto da Revista Brasileira de Psiquiatria (2011-2015) de acordo com o Journal Citation Reports¹.

taxa de aceite da RBP, hoje, é inferior a 40%, atestando o grande volume de submissões recebidas e a evidente visibilidade internacional alcançada pela RBP.

O ano de 2016 representou um marco simbólico na história da RBP, que atingiu o fator de impacto de 2,138 no último JCR. A superação da barreira de 2 pontos no fator de impacto era um objetivo que vinha sendo perseguido ao longo dos anos, e sua conquista reforça a confiança no trabalho e na política editorial construídos e sedimentados por sucessivas gerações de editores e colaboradores, com constante apoio e incentivo da direção da ABP.

As metas para os próximos anos estão traçadas. À medida que avança, a RBP seguirá buscando aumentar ainda mais a sua qualidade editorial e a visibilidade internacional, sempre pautada por uma rigorosa adesão aos regulamentos éticos. Também seguirá trabalhando intensamente para acelerar o processo de publicação e aprimorar o sistema de divulgação de artigos *ahead of print*. O sucesso atual e o crescimento futuro da RBP são fruto do dedicado trabalho conjunto da ABP, autores, revisores e editores, cujas contribuições para a RBP têm, acima de tudo, ajudado a melhorar ainda mais o nível de excelência em nosso campo.

Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Antonio Egidio Nardi, Faculdade de Medicina, Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rua Visconde de Pirajá, 407/702, CEP 22410-003, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: antonioenardi@gmail.com

Referências

1. 2015 Journal Citation Reports® Science Edition [Internet]. The Thomson Reuters Corporation. 2016 Jun 13 [cited 2016 Aug 02]. admin-apps.webofknowledge.com/JCR/static_html/notices/notices.htm
2. Bressan RA, Mari JJ, Mercadante M, Hoexter MQ, Lafer B, Miguel EC, et al. A RBP é a revista médica de maior fator de impacto na América Latina. Rev Bras Psiquiatr. 2008;30:179-82.
3. Fleck MP, Salum GA, Quevedo J, Kieling C, Hoexter MQ, Moriyama T, et al. RBP Psychiatry: o coroamento de uma política editorial. Rev Bras Psiquiatr. 2012;34:5-6.

A REVISTA DEBATES EM PSIQUIATRIA NOS 50 ANOS DA ABP

REVISTA DEBATES EM PSIQUIATRIA AT THE 50TH ANNIVERSARY OF ABP

A Revista Debates em Psiquiatria – RDP – nasceu da publicação DEBATES, que tinha por escopo tratar de temas específicos, assim como publicar opiniões de psiquiatras sobre assuntos de interesse geral. O formato quase informal da DEBATES não era suficiente para despertar o interesse de psiquiatras clínicos.

Decidiu-se que o melhor seria atender às solicitações dos associados que desejavam uma publicação dedicada à prática clínico-psiquiátrica diária, em português e que tratasse de assuntos práticos, quer sob a forma de artigos originais, de revisões, relatos de caso e/ou de comunicações breves. O primeiro número veio à luz em janeiro de 2011.

Os números subsequentes aprimoraram a ideia de criar um espaço de debates e universalizar a informação dentro do meio médico, onde todos terão oportunidade de enviar artigos que compartilhem o dia a dia da psiquiatria, seja em consultórios, em hospitais, em clínicas, em salas de aula ou mesmo em reuniões científicas.

ARDP trouxe à tona discussões variadas, transformando-as em manual de informação para todos os associados da ABP, além de interagir com psiquiatras do Brasil e de outros países, cuja experiência os tornará nossos colaboradores. É uma revista para médicos feita por médicos.

Com uma publicação bimestral, foram lançadas 36 revistas e 180 artigos nos 6 anos de existência da RDP. O perfil da RDP manteve-se fiel à proposta, sendo aceitos artigos sobre resultados originais de pesquisa, comunicações breves, artigos de revisão, artigos de atualização, carta aos editores, casos clínicos, resenhas de livros e editoriais. A RDP se caracteriza por conteúdo de temas psiquiátricos, mas afeitos ao cotidiano da clínica, permitindo que exista um debate sobre questões atuais que têm impacto direto no trabalho do psiquiatra.

A RDP tem uma proposta e um papel próprios, que a distinguem das demais revistas científicas no campo da psiquiatria. Em geral, as revistas têm conteúdos específicos, destinadas que são à divulgação de resultados de pesquisas em andamento, recém terminadas ou de estudos multicêntricos, e por isso utilizam métodos rigorosos e avaliação quantitativa ou qualitativa em função da hipótese em teste. Quando avaliam medicamentos, raramente ultrapassam a avaliação de eficácia em estudos de curta duração, conforme determinado por agências reguladoras.

Essas revistas científicas muitas vezes se destinam à apresentação de quadros ou áreas específicas da psiquiatria ou de temas de ciências básicas correlatos à psiquiatria. Temos revistas sobre neuroimagem, genética aplicada, neurociências ou patologias específicas, como a esquizofrenia, a depressão ou o transtorno bipolar.

Dessa forma, e pela concorrência para a publicação, temas e artigos mais voltados para a prática cotidiana do psiquiatra não são passíveis de publicação em periódicos especializados. Muitos desses periódicos não são de grande interesse do clínico, pois apresentam resultados que terão pouca utilidade em situações de tomadas de decisões em suas práticas.

A RDP, graças ao seu formato de informação clínica, muito nos ensinou e tem evoluído neste pouco tempo de existência. Tornou-se uma revista muito lida por grande parte dos psiquiatras brasileiros e mesmo por leitores não psiquiatras.

O conteúdo dos artigos tem por sua vez melhorado progressivamente, estimulando psiquiatras de várias gerações a escreverem suas experiências clínicas, atingindo as metas iniciais de se tornar um ambiente de debate de alto nível.

¹ Diretor Tesoureiro, ABP. Professor titular, Faculdade Medicina, Instituto de Psiquiatria (IPUB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ. ² Diretor científico, Programa de Atualização em Psiquiatria (PROPSIQ), Sistema de Educação Continuada a Distância (SECAD). Presidente, ABP.

Em 2017, se inicia o gerenciamento eletrônico para a submissão de artigos, assim como a avaliação por pares dos mesmos. Com isso, serão otimizados os processos de avaliação, com um melhor controle do número de artigos recebidos, aceitos e rejeitados. A possibilidade de leitura da revista por abertura de links na internet permitirá também o controle do acesso. Poderemos, assim, avaliar de maneira mais precisa a procura, o impacto e a disseminação dos artigos da RDP.

A internet abre espaços e democratiza a informação, contudo o desafio é manter a qualidade do material publicado, que deve ser feito com cuidado e

imparcialidade. A RDP está forte nesses propósitos, abrindo-se para os tempos atuais. O debate pode ser aberto, mas ao mesmo tempo evitando os desvios que a anomia na internet permite. Ainda em termos de globalização, a RDP deve aumentar o seu campo de atuação, com psiquiatras de países de língua portuguesa e da América Latina.

Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: joromildo@gmail.com

VOCÊ EM **CONSTANTE ATUALIZAÇÃO**
COM OS ESTUDOS EM PSQUIATRIA.

PROPSIQ

AVANÇOS CIENTÍFICOS EM PSIQUIATRIA

SCIENTIFIC ADVANCES IN PSYCHIATRY

Resumo

Recentes avanços científicos em psiquiatria têm gerado uma melhora nos parâmetros de saúde pública nos transtornos mentais. Abordagens translacionais da bancada para a beira do leito têm obtido novos conhecimentos sobre os biomarcadores e facilitado a identificação de novos e melhores tratamentos para as doenças mentais. Inúmeras técnicas, como a genômica e toda a nova geração “ômica”, têm auxiliado na compreensão das bases neurobiológicas dos transtornos mentais. A incorporação de variáveis dimensionais e biológicas ao diagnóstico, com o advento da 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e do Research Domain Criteria, pode auxiliar na identificação de tratamentos personalizados, associados a melhor evolução e prognóstico.

Palavras-chave: Psiquiatria, tratamento, biomarcadores, translacional, avanços.

Abstract

Recent scientific advances in psychiatry have generated better outcomes in public health parameters. Translational approaches from bench to bedside have improved our knowledge of biomarkers and facilitated the identification of new, improved therapies for mental disorders. Several techniques, including genomics and all the new ‘-omic’ generation of study parameters have helped us understand the neurobiological bases of mental disorders. The inclusion of dimensional and biological variables to standard diagnosis with the advent of the 5th edition of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5) and the Research Domain Criteria (RDoC) may help provide customized treatments, associated with better course and prognosis.

Keywords: Psychiatry, treatment, biomarkers, translational, advances.

INTRODUÇÃO

A psiquiatria inclui a avaliação, prevenção e tratamento dos transtornos mentais. Os transtornos psiquiátricos são caracterizados por sinais e sintomas clínicos, alterações no funcionamento cognitivo e presença de comorbidades, envolvendo uma ampla gama de fatores de risco genéticos e ambientais. Segundo a Organização Mundial de Saúde, os transtornos psiquiátricos são responsáveis por pelo menos 20% da carga global de incapacidade relacionada com as doenças médicas¹.

A psiquiatria tem buscado a obtenção de benefício para os pacientes através da conversão de descobertas científicas de investigação pré-clínica para aplicações clínicas, com o objetivo de diminuir a morbidade e a mortalidade^{2,3}. Existe uma busca incessante por tratamentos mais eficazes num maior número de pacientes com menos efeitos colaterais. Apesar disso, a falta de compreensão de alguns mecanismos da doença e o longo tempo para o desenvolvimento de um novo tratamento (que pode demorar até 20 anos) são barreiras que estão sendo superadas com importantes avanços obtidos nas duas últimas décadas. Estes avanços ocorrem em face da integração de pesquisas em neurociências aplicadas ao conhecimento psiquiátrico em múltiplos níveis.

Importantes estudos trazem novas evidências sobre a etiologia e a fisiopatologia baseadas em neurociência clínica e translacional e auxiliam na identificação de novos biomarcadores e tratamentos com potencial impacto em parâmetros de saúde pública. Por exemplo, o conhecimento cada vez maior dos substratos neurais relacionados às funções cognitivas e afetivas tem avançado rapidamente. Também, o desenvolvimento de testes para identificar grupos diagnósticos e tratamentos precisos dentro do que hoje chamamos de transtornos mentais tem sido buscado incessantemente. Este

¹ National Institute of Mental Health (NIMH), Bethesda, MD, USA. ² Laboratório de Neurociências, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Unidade de Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brazil. ³ Department of Psychiatry and Behavioral Sciences, McGovern Medical School, The University of Texas Health Science Center at Houston (UTHealth), Houston, TX, USA.

compromisso cada vez maior de investigar moderadores de resposta clínica utilizando-se de ferramentas da neurociência moderna ajuda a desenvolver a prática baseada em evidências e personalizar o tratamento para aqueles que vivem com doenças mentais, como sugere o plano estratégico do National Institute of Mental Health (NIMH)⁴.

A psiquiatria tem historicamente apresentado uma abordagem preponderantemente descritiva e categórica quanto ao diagnóstico. Entretanto, recentes avanços têm propiciado a identificação de múltiplas dimensões (por exemplo, severidade, incapacitação, curso, suicídio) para avaliar com mais especificidade as bases clínicas e sua associação com as alterações cerebrais. Por exemplo, essa avaliação multidimensional é uma meta fundamental da 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)⁵.

A integração das dimensões com categorias de diagnóstico representa uma abordagem transformadora do DSM-5. Além da classificação diagnóstica do DSM-5, um processo de vanguarda em psiquiatria que busca trazer novos modelos de potencial aplicabilidade clínica com base em variáveis biológicas em diversos níveis é o Research Domain Criteria (RDoC)⁶. Esse modelo visa recolher dados biológicos em genômica, modelos celulares, neuroimagem, bem como informações sociais e comportamentais de um grande número de pessoas. O objetivo do RDoC com a incorporação de medidas biológicas é poder ajudar no desenvolvimento de novos modelos multifatoriais e dimensionais capazes de compreender melhor a fisiopatologia dos transtornos psiquiátricos. Ao invés de tentar mapear isso entre as categorias dos manuais diagnósticos, o RDoC irá usar dados biológicos homogêneos para definir as categorias, assim como os cientistas fizeram com o câncer. A psiquiatria tem avançado, e este modelo pode considerar depressão, esquizofrenia ou autismo como algo maior que simplesmente condições médicas homogêneas clínica e biologicamente. Esses modelos podem fornecer importantes *insights* sobre a significativa variabilidade de taxas de resposta e identificar biomarcadores comuns a diferentes doenças que podem alterar a terapêutica (tornando-a mais personalizada) e diminuir a elevada taxa de refratariedade em psicoses e transtornos

afetivos⁷. Outro exemplo são os trabalhos recentes sobre suicídio. Tem sido observado que biomarcadores para o comportamento suicida estão alterados, independente das categorias atuais de diagnóstico de doença mental.

Outra área chave nos avanços científicos em psiquiatria é a pesquisa translacional^{2,4}. A investigação translacional está na vanguarda da pesquisa psiquiátrica contemporânea. Em oncologia, por exemplo, os biomarcadores disponíveis foram claramente associados com o curso e a resposta ao tratamento, direcionando, assim, a decisão terapêutica *a priori*. Em psiquiatria, tem-se pesquisado novas áreas de investigação translacional que visam preencher a lacuna entre a descoberta de drogas em modelos pré-clínicos e o desenvolvimento de terapêutica inovadora em humanos. Essencialmente, esses projetos com enfoque translacional têm avançado muito em psiquiatria e visam à introdução de ferramentas inovadoras em farmacologia, máquinas e métodos clínicos capazes de melhorar a nossa compreensão sobre os mecanismos fisiopatológicos, desenvolvendo novos e melhores tratamentos.

AVANÇOS NA PESQUISA (DE DIAGNÓSTICO A BIOMARCADORES) E O IMPACTO NA TERAPÊUTICA INOVADORA EM PSIQUIATRIA

Técnicas e biomarcadores

Os recentes avanços em técnicas e ferramentas para estudos translacionais em múltiplos níveis são notáveis em áreas como a genética, psicofarmacologia, neuroimagem, neurofisiologia, neuropatologia, com especial relevância para as estruturas frontolímbicas e suas funções associadas (Figura 1). Estudos em genômica, metabolômica, expressão gênica (transcriptoma) e de proteínas (proteômica) têm auxiliado na identificação de novos alvos para tratamentos em psiquiatria.

Em neuroimagem, por exemplo, técnicas recentes utilizando ressonância magnética com *imagens por tensor de difusão* permitem uma avaliação completa da conectividade funcional característica da substância branca, para poder mapear potenciais vias integradas associadas aos transtornos mentais. Da mesma forma, técnicas como espectroscopia, tomografia computadorizada por emissão de pósitrons e estudos funcionais têm permitido a identificação de alterações nos

Biomarcadores, fisiopatologia e tratamento em psiquiatria

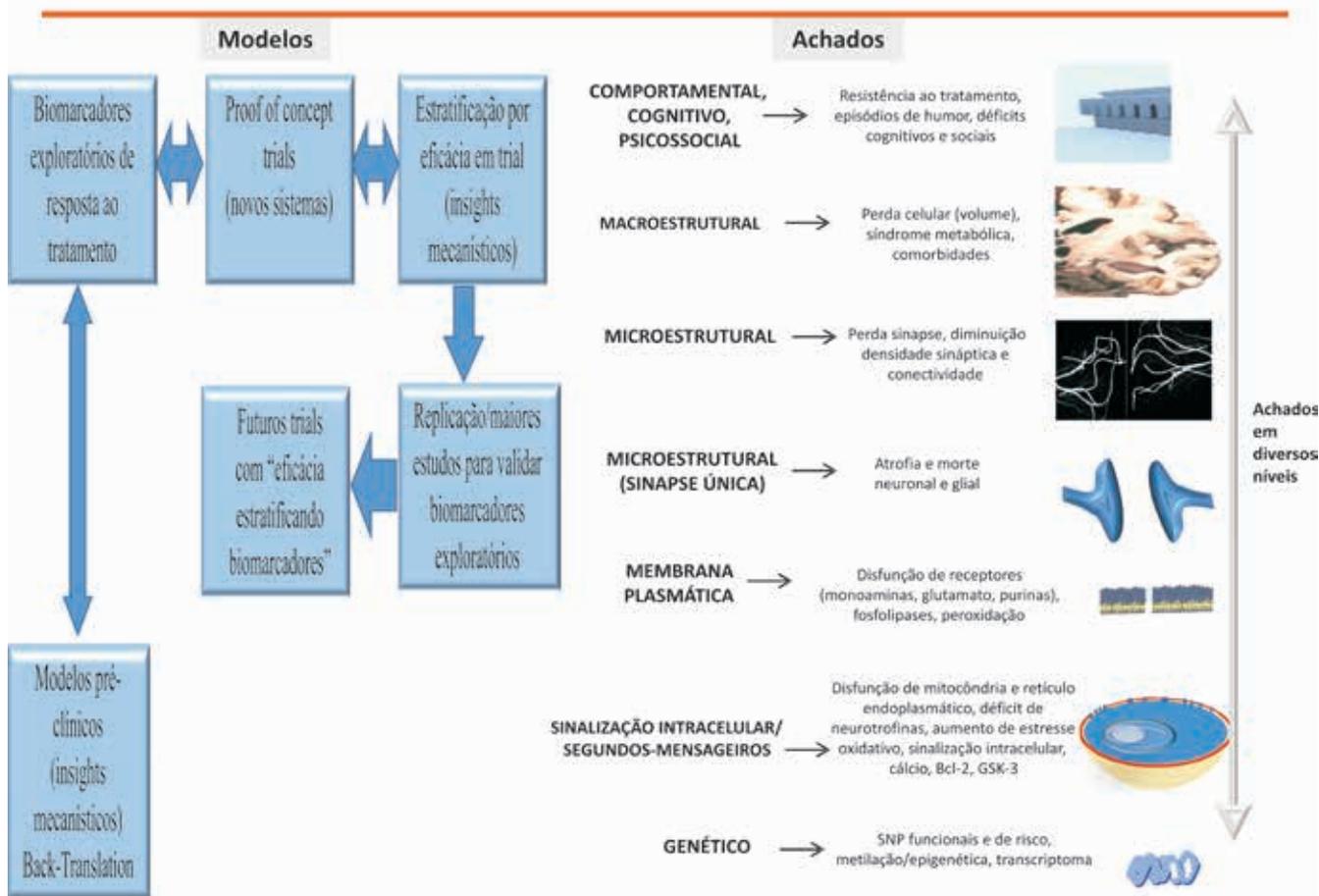


Figura 1 - Biomarcadores, fisiopatologia e tratamento em psiquiatria. Adaptado de Machado-Vieira et al.⁸.

transportadores e receptores de captação, fornecendo também a quantificação do fluxo sanguíneo cerebral, o metabolismo da glicose e outros. No desenvolvimento de novos tratamentos, essas abordagens são muito importantes, pois podem avaliar se um determinado tratamento consegue atingir seu alvo específico no cérebro⁹.

Outras técnicas têm trazido avanços científicos em psiquiatria. Em tecido cerebral *post-mortem*, estudos anteriores nos transtornos mentais indicam a ativação

da micróglia e de genes relacionados à inflamação¹⁰, reforçando o papel de infecções graves e respostas imunes aberrantes como fatores de risco para muitos transtornos psiquiátricos¹¹.

Com relação à genômica, décadas de estudos familiares com gêmeos têm convincentemente demonstrado que distúrbios psiquiátricos são, em parte, herdados¹². No entanto, a identificação de variantes genéticas causais tem sido difícil. Apesar de avanços importantes e sem precedentes na genética dos transtornos psiquiátricos,

¹ National Institute of Mental Health (NIMH), Bethesda, MD, USA. ² Laboratório de Neurociências, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Unidade de Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brazil. ³ Department of Psychiatry and Behavioral Sciences, McGovern Medical School, The University of Texas Health Science Center at Houston (UTHealth), Houston, TX, USA.

poucos resultados atuais implicam inequivocamente genes individuais específicos. Estudos de associação genômica ampla em psiquiatria identificaram cerca de 150 genes de risco para inúmeros transtornos psiquiátricos, com sobreposição entre os achados independente do diagnóstico, o que sugere uma biologia parcialmente comum, subjacente a esquizofrenia, autismo, depressão e outros distúrbios psiquiátricos¹³. Podem também caracterizar o efeito cumulativo de centenas de variantes de risco de efeito pequeno ou, eventualmente, uma única variante de alta penetrância ou grande efeito. Esses estudos também têm auxiliado a estimar o risco para doença mental com base na informação genética e podem ajudar a prever a variabilidade da resposta ao tratamento usando informações obtidas através da farmacogenética¹⁴.

Estudos de expressão de genes (transcriptoma) sugerem um papel central para alterações na estrutura sináptica, adesão e neurotransmissão nos transtornos psiquiátricos, envolvendo vias de sinalização celular específicas, particularmente aquelas associadas com glutamato e Wnt¹⁵. Esses estudos muitas vezes revelam a sobreposição com genes de risco identificados e podem apontar para a convergência em vias biológicas, em vez de genes individuais.

Enquanto isso, recentes avanços adicionais na genética e estudos com células-tronco oferecem novas perspectivas para a modelagem baseada em células de transtornos psiquiátricos. Outras áreas que trouxeram progresso em pesquisa e ainda são promissoras incluem os estudos de neurogênese e células-tronco pluripotentes induzidas (IPSC) *in vitro*¹⁶. Estudos na área da neurogênese têm propiciado novos *insights* sobre mecanismos associados à migração celular, dinâmica do citoesqueleto, plasticidade e sinaptogênese, informando, assim, sobre os processos básicos pelos quais a neurogênese regula humor e cognição, adaptando e remodelando o cérebro.

Os estudos com IPSC têm aumentado significativamente novos achados nos últimos anos, e esta é uma ferramenta promissora para gerar novos modelos de doenças, com o objetivo essencial de recriar um modelo de fisiopatologia relevante *in vitro*¹⁷. Estudos utilizando IPSC ainda apresentam vários desafios. Os fenótipos celulares que capturam as características

fundamentais de perturbações psiquiátricas ainda não foram claramente determinados.

Em relação a biomarcadores periféricos, as mudanças nos fatores neurotróficos, parâmetros de estresse oxidativo e cascatas de plasticidade intracelulares na periferia têm sido consistentemente descritos em transtornos psiquiátricos e representam potenciais alvos terapêuticos⁸.

Terapêutica

Outros potenciais alvos terapêuticos além das monoaminas têm sido identificados em psiquiatria. Estudos avaliando potenciais novos fármacos, visando identificar sua eficácia e segurança, bem como as vias e circuitos utilizando estudos de biologia celular e molecular, têm identificado medicamentos que induzem rápido início de ação terapêutica e apresentam melhora em casos resistentes aos tratamentos convencionais¹⁸. Esses novos alvos incluem antagonistas do hormônio liberador de corticotrofina e glicocorticoides receptores, antagonistas do receptor da vasopressina, moduladores de glutamato como a cetamina (para muitos considerada uma revolução no tratamento dos transtornos de humor), além de moduladores dos receptores de opioides, inibidores de histona deacetilase, moduladores purinérgicos, entre outros alvos¹⁹. É importante mencionar que muitos desses tratamentos, que mostraram eficácia clínica em transtornos psiquiátricos, foram inicialmente usados para outras indicações (por exemplo, anticonvulsivantes no transtorno bipolar).

Nos últimos 20 anos, também houve avanços consideráveis na investigação e utilização de técnicas de neuroestimulação para transtornos psiquiátricos, especialmente transtornos de humor e depressão²⁰. Esses tratamentos oferecem esperança para muitos, especialmente para pacientes com transtornos resistentes ao tratamento ou aqueles que não podem tolerar regimes com medicação. Além da clássica e consolidada eletroconvulsoterapia, importantes avanços têm sido observados com outros métodos conhecidos, alguns sem necessidade de anestesia, como a estimulação magnética transcraniana (EMTr), a estimulação elétrica transcraniana (tDCS), a estimulação do nervo vago (VNS) e a terapia de estimulação cerebral profunda (DBS)^{21,22}. Outras abordagens com dados

preliminares, como a estimulação micromagnética e técnicas optogenéticas, parecem promissoras.

A EMTr é feita através de uma bobina magnética, já havendo mais de 30 ensaios clínicos controlados envolvendo pacientes com depressão e com aprovação pelo Food and Drug Administration (FDA). A aprovação veio com base em inúmeros estudos mostrando superior eficácia antidepressiva da EMTr comparada com Sham (placebo). Por sua vez, a tDCS se baseia na aplicação de corrente elétrica contínua de baixa intensidade sobre a cabeça, capaz de gerar mudanças na excitabilidade cerebral. Essa técnica tem demonstrado excelentes resultados, especialmente associados a antidepressivos nos transtornos de humor²³. Já a DBS e a VNS são tratamentos cirúrgicos que utilizam dispositivos médicos cirurgicamente implantados, semelhantes a marca-passos, para fornecer estimulação elétrica em regiões específicas do cérebro (DBS) e junto à bainha carotídea (VNS). Essas técnicas experimentais em psiquiatria têm apresentado melhora significativa e extremamente rápida na maioria dos casos, especialmente de sintomas depressivos.

Outro ponto forte, com significativa evolução nos anos recentes em psiquiatria, é a robusta base sistemática de evidências agora disponível sobre tratamentos psiquiátricos, que é semelhante a outras áreas da medicina, se não melhor, em termos de ensaios clínicos randomizados rigorosamente controlados. A taxa de eficácia de ensaios clínicos de fase 2 em psiquiatria tem aumentado gradativamente²⁴. Nessa fase, o principal objetivo é a investigação contínua de potenciais alvos terapêuticos e biomarcadores em seres humanos, bem como a avaliação de parâmetros de eficácia e índices de custo-eficácia na terapêutica.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Significativo investimento tem sido feito visando à identificação de variáveis biológicas e psicossociais que possam prever ou modificar a resposta ao tratamento de curto e longo prazo em psiquiatria. Importantes avanços na genética psiquiátrica, neuroimagem, bem como na neurociência cognitiva e afetiva, têm ajudado a melhor definir a etiologia, fisiopatologia, fenótipos e tratamentos associados, que podem ajudar a personalizar o tratamento. Ainda, avanços na prevenção e intervenção

precoce e sustentada com suporte multidisciplinar em psiquiatria (pesquisa e clínica) também foram relevantes nas duas últimas décadas. Consistente com esses avanços, os neurocientistas clínicos estão agora testemunhando as fases iniciais do desenvolvimento de novas intervenções farmacológicas, centradas em modelos de doença com base fisiopatológica em vez de descobertas casuais.

Finalmente, as ferramentas atuais de avaliação em psiquiatria, que têm como padrão-ouro os instrumentos de diagnóstico estruturados, tais como o novo DSM-5, estão incorporando cada vez mais variáveis dimensionais e eventualmente biológicas às suas avaliações, na busca de tratamentos cada vez mais individualizados. Também se ampliou muito o arsenal de tratamento para as doenças mentais, incluindo a nova farmacoterapia para a manutenção e prevenção de recaídas e recorrências. Mesmo que os tratamentos atuais tenham avançado muito nas duas últimas décadas e sejam bastante eficazes, ainda não atingiram a desejada excelência. Contudo, estamos otimistas que os estudos recentes, obtendo informações mais precisas sobre o diagnóstico em psiquiatria, com o suporte de biomarcadores, permitirão uma melhor tomada de decisão sobre a escolha do tratamento mais indicado, bem como informar sobre o prognóstico do paciente com base em evidências. Este é o futuro da psiquiatria, como especialidade médica que pode prover o seu melhor para o benefício de quem mais precisa.

Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Jair C. Soares, McGovern Medical School, The University of Texas Medical School at Houston, Department of Psychiatry and Behavioral Sciences, 1941 East Road, Ste. 3210, Houston, TX 77054, USA. Tel: +1 (713) 486.2507, Fax: +1 713 486.2553. E-mail: Jair.C.Soaes@uth.tmc.edu

Referências

1. Murray CJL, Lopez AD. The World Health Organization and the World Bank. Global health statistics: a compendium of incidence, prevalence

¹ National Institute of Mental Health (NIMH), Bethesda, MD, USA. ² Laboratório de Neurociências, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Unidade de Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brazil. ³ Department of Psychiatry and Behavioral Sciences, McGovern Medical School, The University of Texas Health Science Center at Houston (UTHealth), Houston, TX, USA.

- and mortality estimates for over 200 conditions. Cambridge: Harvard University; 1996.
2. Machado-Vieira R. Tracking the impact of translational research in psychiatry: state of the art and perspectives. *J Transl Med.* 2012;10:175.
 3. Machado-Vieira R, Frey BN, Andreatza AC, Quevedo J. Translational research in bipolar disorders. *Neural Plast.* 2015;2015:576978. doi: 10.1155/2015/576978. Epub 2015 Jun 14.
 4. Insel TR. Translating scientific opportunity into public health impact: a strategic plan for research on mental illness. *Arch Gen Psychiatry.* 2009;66:128-33.
 5. Regier DA, Narrow WE, Clarke DE, Kraemer HC, Kuramoto SJ, Kuhl EA, et al. DSM-5 field trials in the United States and Canada, Part II: test-retest reliability of selected categorical diagnoses. *Am J Psychiatry.* 2013;170:59-70.
 6. Cuthbert BN. Research domain criteria: toward future psychiatric nosologies. *Dialogues Clin Neurosci.* 2015;17:89-97.
 7. Machado-Vieira R, Soares JC. [Treatment-resistant mood disorders]. *Rev Bras Psiquiatr.* 2007;29:S48-54.
 8. Machado-Vieira R, Soeiro-De-Souza MG, Richards EM, Teixeira AL, Zarate CA Jr. Multiple levels of impaired neural plasticity and cellular resilience in bipolar disorder: developing treatments using an integrated translational approach. *World J Biol Psychiatry.* 2014;15:84-95.
 9. Niciu MJ, Mathews DC, Ionescu DF, Richards EM, Furey ML, Yuan P, et al. Biomarkers in mood disorders research: developing new and improved therapeutics. *Rev Psiquiatr Clin.* 2014;41:131-4.
 10. Bernstein HG, Steiner J, Guest PC, Dobrowolny H, Bogerts B. Glial cells as key players in schizophrenia pathology: recent insights and concepts of therapy. *Schizophr Res.* 2015;161:4-18.
 11. Benros ME, Nielsen PR, Nordentoft M, Eaton WW, Dalton SO, Mortensen PB. Autoimmune diseases and severe infections as risk factors for schizophrenia: a 30-year population-based register study. *Am J Psychiatry.* 2011;168:1303-10.
 12. Polderman TJ, Benyamin B, de Leeuw CA, Sullivan PF, van Bochoven A, Visscher PM, et al. Meta-analysis of the heritability of human traits based on fifty years of twin studies. *Nat Genet.* 2015;47:702-9.
 13. Sullivan PF, Daly MJ, O'Donovan M. Genetic architectures of psychiatric disorders: the emerging picture and its implications. *Nat Rev Genet.* 2012;13:537-51.
 14. Detre T, McDonald MC. Managed care and the future of psychiatry. *Arch Gen Psychiatry.* 1997;54:201-4.
 15. Topol A, Zhu S, Tran N, Simone A, Fang G, Brennand KJ. Altered WNT Signaling in Human Induced Pluripotent Stem Cell Neural Progenitor Cells Derived from Four Schizophrenia Patients. *Biol Psychiatry* 2015;78:e29-34.
 16. Falk A, Heine VM, Harwood AJ, Sullivan PF, Peitz M, Brüstle O, et al. Modeling psychiatric disorders: from genomic findings to cellular phenotypes. *Mol Psychiatry.* 2016 Jun 21. doi: 10.1038/mp.2016.100. [Epub ahead of print]
 17. Nishikawa S, Goldstein RA, Nierras CR. The promise of human induced pluripotent stem cells for research and therapy. *Nat Rev Mol Cell Biol.* 2008;9:725-9.
 18. Alamo C, López-Muñoz F. New antidepressant drugs: beyond monoaminergic mechanisms. *Curr Pharm Des.* 2009;15:1559-62.
 19. Machado-Vieira R, Henter ID, Zarate CA Jr. New targets for rapid antidepressant action. *Prog Neurobiol.* 2015 Dec 23. doi: 10.1016/j.pneurobio.2015.12.001. [Epub ahead of print]
 20. Lewis PM, Thomson RH, Rosenfeld JV, Fitzgerald PB. Brain neuromodulation techniques: a review. *Neuroscientist.* 2016;22:406-21.
 21. Bewernick B, Schlaepfer TE. Update on neuromodulation for treatment-resistant depression. *F1000Res.* 2015 Dec 2;4. doi: 10.12688/f1000research.6633.1. eCollection 2015.

ARTIGO ESPECIAL

RODRIGO MACHADO-VIEIRA
JOÃO QUEVEDO
JAIR C. SOARES

ARTIGO

22. Fenoy AJ, Schulz P, Selvaraj S, Burrows C, Spiker D, Cao B, et al. Deep brain stimulation of the medial forebrain bundle: distinctive responses in resistant depression. *J Affect Disord.* 2016;203:143-51.
23. Aparício LV, Guarienti F, Razza LB, Carvalho AF, Fregni F, Brunoni AR. A systematic review on the acceptability and tolerability of transcranial direct current stimulation treatment in neuropsychiatry trials. *Brain Stimul.* 2016 May 16. doi: 10.1016/j.brs.2016.05.004. [Epub ahead of print]
24. Littman BH, Di Mario L, Plebani M, Marincola FM. What's next in translational medicine? *Clin Sci (Lond).* 2007;112:217-27.



PSICOFOBIA É UM CRIME!

APOIE A ABP NESTA CAMPANHA

Psicofobia é o preconceito contra os portadores de Transtornos e Deficiências Mentais

Campanha da ABP contra o estigma

www.abp.org.br





TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

21 horas

AO VIVO

**ENVIE A SUA SUGESTÃO DE TEMAS
PARA OS PROGRAMAS DE 2017**

abptv@abpbrasil.org.br

Associado,
Participe dos sorteios
semanais realizados através
da nossa e-NEWS,
enviada toda sexta-feira
para o seu e-mail

Sorteio
de livros

Sorteio de
inscrições
para eventos
de federadas
em todo o
Brasil

Sorteio de
cursos de
atualização



Para participar, responda ao e-mail da e-News Semanal escrevendo EU QUERO PARTICIPAR DO SORTEIO, informando seu nome completo e boa sorte!



ABP
Associação
Brasileira de
Psiquiatria

FIQUE EM DIA COM A SUA ASSOCIAÇÃO!

Formas de pagamento – Anuidade 2017:

1- Boleto bancário - Para pagamentos feitos até 28.02, o associado ganha 5% de desconto sobre o valor da Anuidade 2017.

2- Cartão de crédito - Até 28 de fevereiro: em até 5x sem juros.

3- Débito em conta – Associados que aderirem ao débito automático tem valor exclusivo para anuidade.

ANUIDADE DA ABP



Fique em dia com a sua associação.
Mais informações www.abp.org.br



XXXV CBP CONGRESSO BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA

25 a 28 de Outubro de 2017
Transamérica Expo Center // São Paulo

*O melhor congresso
de especialidade médica
na maior cidade
da América Latina*

*De 25 a 28 de outubro de 2017
São Paulo – SP*

Inscreva-se: www.cbpabp.org.br